

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**FELIPE GOMES LEMOS**

**ATITUDES, CRENÇAS E PRÁTICAS PARENTAIS E A IDENTIFICAÇÃO ÉTNICO-  
RACIAL DE CRIANÇAS NEGRAS ADOTADAS – UMA PERSPECTIVA  
BIOECOLÓGICA**

**VITÓRIA**

**2020**

FELIPE GOMES LEMOS

**ATTITUDES, CRENÇAS E PRÁTICAS PARENTAIS E A IDENTIFICAÇÃO ÉTNICO-  
RACIAL DE CRIANÇAS NEGRAS ADOTADAS – UMA PERSPECTIVA  
BIOECOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Edinete Maria Rosa e coorientação da Dra. Elisa Avellar Merçon de Vargas.

VITÓRIA

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

L555a Lemos, Felipe Gomes, 1992-  
Atitudes, crenças e práticas parentais e a identificação étnico  
racial de crianças negras adotadas : Uma perspectiva bioecológica  
/ Felipe Gomes Lemos. - 2020.  
76 f. : il.

Orientadora: Edinete Maria Rosa.  
Coorientadora: Elisa Avellar Merçon-Vargas.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal  
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Adoção. 2. Negros - identidade racial. 3. Preconceitos. 4.  
Racismo. 5. Infância. 6. Socialização - crianças. I. Rosa, Edinete  
Maria. II. Merçon-Vargas, Elisa Avellar. III. Universidade  
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e  
Naturais. IV. Título.

CDU: 159.9

---

Felipe Gomes Lemos

**Atitudes, crenças e práticas parentais e a identificação étnico-racial de crianças negras adotadas- uma perspectiva Bioecológica.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 30 de outubro de 2020.

**Banca examinadora**

---

Profa. Dra. Edinete Maria Rosa

---

Dra. Elisa Avellar Merçon de Vargas

---

Profa. Dra. Gabriella Garcia Moura

---

Prof. Dr. Sandro José da Silva

## Dedicatória

Aos meus ancestrais que me puseram nos ombros para que eu pudesse enxergar mais longe.

Aos que ainda virão e que se apoiarão em meus ombros para enxergar caminhos nunca antes vistos. Assim evolui a humanidade!

## Agradecimentos

Durante a jornada de construção deste trabalho o meu crescimento não se deu somente no âmbito acadêmico, mas em todas facetas de minha vida e nos papéis que desempenho. Sem dúvida alguma se estivesse só não teria chegado até aqui. Por isso, agradecer, pelo menos oficialmente, é um jeito especial de honrar aqueles que por vezes apoiaram meus braços para que pudesse continuar a caminhar.

Antes de tudo louvo o meu Ori, que se abriu a essa experiência e tem a cada dia aprendido a produzir significados positivos para os caminhos que percorremos. Primeiramente vem Exu, a quem devo toda minha gratidão por sempre me colocar nas encruzilhadas quando eu achava que não existia mais saída e lá me mostrar que na vida sempre há muitos caminhos possíveis, ainda que nunca tenhamos chegado a sequer imaginar a existência deles, e por nunca permitir que a necessidade batesse à minha porta. Ao meu pai Omulu que durante essa jornada me ensinou a importância do silêncio, da paciência, da humildade e principalmente da espera porque é chegada a hora da dança em que os ventos doces de mãe Iansã é capaz de levantar as palhas e fazer resplandecer a luz e a beleza da perseverança.

À meus avós, todos iletrados ou com pequeno conhecimento em leitura, porém sempre crentes na importância do estudo por plantarem essa semente em pais, pais esses maravilhosos que nunca me deixaram faltar nada e sempre fizeram o que esteve ao alcance deles para meu crescimento. Essa vitória é nossa.

A todos amigos espirituais, caboclos, erês, pretos velhos, boiadeiros, exus, pombagiras e marujos agradeço na figura do meu mentor, pai Joaquim de Angola, que em momento algum desistiu do seu filho e sempre devolveu a esperança ao meu coração nos momentos necessários.

Aos amigos materiais que foram um suporte imensurável durante essa montanha russa. Tantos que corro o risco de pecar pela falta na memória, mas que para a construção deste trabalho, a

continuidade no mestrado e inúmeros aconselhamentos não poderia deixar de citar as amigas Eliene Rocha Gomes, Mariana Correa Moreira, Cristina Schwambach, Tamiris Akbart, o amigo Bruno Abílio Galvão e o suporte profissional feito com tanto afeto por Ivana Carneiro. A minha orientadora Edinete por ser sempre tão empática, afetuosa e comprometida com o crescimento das pessoas em sua volta. A minha coorientadora Elisa, que mesmo com uma inteligência admirável a qualquer ser humano foi capaz de sentar e por vezes simbolicamente segurar em minhas mãos e me ensinar a desenhar estruturas que nunca imaginei ser capaz. Certa vez ouvi uma história sobre um monge que ao chegar numa cidade foi recebido com uma grande festa e muito emocionado ele disse: não sei o que fiz para merecer tudo isso, mas agradeço. Faço minhas as palavras desse monge e hoje afirmo que não sei o que fiz nesta ou em outras vidas que produziu causas e consequências que retornaram para mim em forma de auxílio, mas ainda assim agradeço. Como costuma dizer meu guardião: que toda caridade prestada lhe sirvam de advogado por onde vocês passarem. A todos vocês o meu muito obrigado!

## Epígrafe

“[...] Show them [children] all the beauty they possess inside, give them a sense of pride to make it easier [...]”

Whitney Houston

## Resumo

A socialização racial pode ser definida como um conjunto de comportamentos dos adultos voltados para auxiliar no desenvolvimento de estratégias para enfrentamento do preconceito e a discriminação racial pelas crianças de seu convívio. A socialização racial é tida como uma ferramenta importante para o desenvolvimento de uma identidade étnico-racial positiva. Com isso, este trabalho buscou compreender o modo como as atitudes e as crenças parentais relacionadas às questões étnico-raciais agem no engajamento em práticas de socialização racial e sua conseqüente influência na identificação étnico-racial da criança. Para tal, 112 familiares responderam um questionário online na plataforma Qualtrics, dividido em 5 blocos: (1) questões sociodemográficas; (2) atitudes negativas parentais quanto a pessoas negras; (3) crenças parentais sobre a importância da socialização racial; (4) práticas parentais de socialização racial; (5) percepção dos pais quanto a identificação étnico-racial dos filhos. Os dados obtidos foram tabulados no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 20) e submetidos à análise fatorial, teste de confiabilidade dos instrumentos e em seguida foram conduzidas análises descritivas, teste de correlação e regressão linear. Os resultados indicaram que as atitudes negativas sobre pessoas negras, as crenças e as práticas parentais voltadas para socialização racial estavam significativamente correlacionadas com a percepção de uma identificação étnico-racial positiva dos seus filhos.

**Palavras chave:** Infância; Adoção; Negritude.

## Abstract

Racial socialization can be defined as adults' behaviors who live with the child aimed at assisting them in developing strategies to face prejudice and racial discrimination. Racial socialization is seen as an important tool for the development of a positive ethnic-racial identity. Thus, this work sought to understand how the parental attitudes and beliefs related to ethnic-racial are linked to the engagement in practices of racial socialization and its influence in the child's ethnic-racial identification. For such, 112 parents completed an online questionnaire on Qualtrics, divided into 5 blocks: (1) sociodemographic questions; (2) negative parental attitudes about Black people; (3) parental beliefs about the importance of racial socialization; (4) parental practices of racial socialization; (5) parent's perceptions of their child's ethnic-racial identification. The data obtained were tabulated using the Statistical Package for the Social Sciences software (SPSS, version 20) and subjected to factor analysis, instrument reliability testing and then descriptive analyzes, correlation test, and linear regression were conducted. The results indicated that negative attitudes about Black people, beliefs and parenting practices aimed at racial socialization were significantly correlated with the perception of a positive ethnic-racial identification of their children.

**Keywords:** Childhood; Adoption; Blackness

## Sumário

<b>Resumo.....</b>	<b>7</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1: Identificação étnico-racial - A criança negra e seu desenvolvimento em um contexto cultural preconceituoso.....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 2: Socialização racial.....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 3: Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano.....</b>	<b>23</b>
<b>Capítulo 4: Objetivos.....</b>	<b>27</b>
<b>Capítulo 5: Método.....</b>	<b>28</b>
<b>Participantes.....</b>	<b>28</b>
<b>Instrumentos.....</b>	<b>33</b>
Perfil sociodemográfico.....	33
Atitudes negativas parentais frente a pessoas negras.....	33
Crenças parentais sobre a importância da socialização racial.....	34
Práticas parentais quanto à socialização racial.....	34
Interesse e identificação da criança por questões étnico-raciais.....	34
<b>Procedimento de coleta de dados.....</b>	<b>35</b>
<b>Análise de dados.....</b>	<b>35</b>
<b>Procedimentos éticos.....</b>	<b>36</b>
<b>Capítulo 6: Resultados.....</b>	<b>37</b>
Resultados preliminares.....	37
Resultados descritivos.....	37
<b>Capítulo 7: Discussão.....</b>	<b>42</b>
<b>Capítulo 8: Considerações Finais.....</b>	<b>49</b>

<b>Referências.....</b>	<b>53</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>60</b>
Apêndice A – Formulário de entrevista online com familiares.....	60
Apêndice B – Indicação de materiais.....	72

## Capítulo 1 – Identificação étnico-racial - A criança negra e seu desenvolvimento em um contexto cultural preconceituoso

O desenvolvimento é um processo contínuo e complexo que perdura durante todo o curso de vida da pessoa. Em meio a esta complexidade, características físicas como cor, textura do cabelo, tamanho e largura do nariz possuem nas interações que se desenrolam no palco social significados distintos. Por conseguinte, possuem implicações diretas e indiretas na rede de significações construídas acerca da identificação do sujeito com o grupo étnico-racial ao qual pertence (Bronfenbrenner, 2011; Hirschfeld, 1998; Motta e Paula, 2019).

Com base nesta prerrogativa, levanta-se a reflexão sobre as possíveis implicações de uma sociedade racista no desenvolvimento do indivíduo que possui atributos físicos ligados à branquitude ou à negritude (Carone, 2017). Em um estudo realizado por Jesus (2018) o autor se propôs a acompanhar jovens negros com idade entre 15 e 17 anos que cursavam o ensino médio em cinco capitais brasileiras. Na pesquisa pode-se perceber como o racismo tem influência sobre a autoestima e autoimagem destas pessoas, resultando em maiores índices de reprovação e evasão escolar.

Não distante disso, Santos-Nascimento, Souza, da Silva e Oliveira (2019) relataram sobre a experiência de acolhimento de homens e mulheres negras (principalmente universitárias) em projeto de extensão do curso de Psicologia. Nele as autoras puderam perceber um padrão de autodeclaração dos participantes marcado por características como autocrítica elevada, busca por um excelente desempenho escolar e problemas com a autoimagem. Estes atributos eram tidos a priori, por essas pessoas, como características individuais. No entanto, durante o processo terapêutico grupal, em debate com outras pessoas pertencentes ao mesmo grupo étnico-racial, os participantes foram capazes de perceber que muitos partilhavam tais percepções. Desta forma, as autoras levantam a hipótese de que o

processo de atribuição destas características mantinha íntima relação com o racismo estrutural existente na cultura brasileira.

Podemos entender o racismo estrutural como um elemento que constitui toda a organização da sociedade, tanto política quanto econômica, se fazendo presente direta e indiretamente nas relações estabelecidas entre os sujeitos. Desta forma, será o racismo o modulador do sentido e da lógica de exclusão em nossa sociedade (Almeida, 2019). Estes valores e significados construídos na cultura se manifestam diariamente nas relações com pessoas, com objetos e com símbolos desde a mais tenra idade (Bronfenbrenner, 2011). Significados sobre o próprio corpo são aprendidos desde criança nos diferentes contextos em que ela está inserida, chegando Katz (1982) a afirmar que a avaliação racial precederá a própria consciência racial.

No decorrer da história, inúmeras pesquisas se propuseram a entender o processo de construção da identificação étnico-racial em crianças. Na segunda metade do século XX, Clark e Clark (1966 apud Fazzi, 2012) utilizaram o famoso teste das bonecas. Nele foram apresentadas às crianças com idade entre 3 e 7 anos 4 bonecas, sendo 2 dessas bonecas com pele negra e cabelo preto e 2 de pele branca e cabelo loiro. As crianças posteriormente responderam a oito perguntas relacionadas a auto identificação, diferença racial e atitudes positivas ou negativas em relação a cor. Como resultado, a maioria das crianças negras atribuiu características como “boa” e “bonita” às bonecas brancas em detrimento das bonecas negras, mesmo nos casos em que havia a percepção da proximidade de características físicas entre elas e as bonecas negras.

Posteriormente, Porter (1973 apud Fazzi, 2012) utilizando-se também de bonecas por meio da técnica *The TV-Story Game*, junto a crianças com idade entre 3 e 5 anos se propôs a estudar a gênese do preconceito com base nas atitudes raciais dessas crianças. Neste trabalho foram propostas duas situações sociais em que as crianças precisariam escolher os

personagens das histórias, as bonecas, com base nas características apresentadas pelo entrevistador. Perguntas como “qual é a mais agradável?” ou “qual é mais limpa e organizada?” foram lançadas às crianças que participaram da pesquisa, as quais precisaram escolher entre as bonecas brancas e negras disponíveis. As falas produzidas pelas crianças durante o processo de coleta corroboraram com os resultados de pesquisas anteriores que atribuem características boas a figuras brancas e características más a figuras negras.

Motta e Paula (2019) após assistirem em um canal televisivo de notoriedade no Brasil a reprodução do teste de autopercepção proposto por Clark e Clark (1966), perceberam resultados similares em crianças brasileiras. Com isso, as autoras sentiram-se motivadas a pesquisar sobre as possíveis implicações que práticas antirracistas podem causar nas interações de crianças pequenas em contexto escolar. Os resultados do trabalho mostraram que a legislação presente e o engajamento dos profissionais da instituição estudada contribuem para a verbalização de emoções acerca do racismo. A percepção do seu próprio corpo e os sentimentos oriundos do distanciamento entre ele e o ideal de beleza, branco, compartilhado socialmente, faz com que algumas crianças entendam como necessário o uso de estratégias de contenção destas características. Pode-se encontrar, por exemplo, na pesquisa falas das crianças participantes sobre a necessidade do uso de arco nos cabelos cacheados. Gonçalves (2015) afirma que as crianças negras constroem sua identidade em situações de conflitos e reconhecimento da negritude.

Em seu livro *tornar-se negro*, Souza (1983) se propõe a construir uma narrativa sobre a vida emocional do negro pensada e contada pelo negro que se desenvolve em uma sociedade cuja classe, ideologia e valores estéticos são predominantemente brancos. Segundo a autora, no Brasil, se descobrir enquanto pessoa negra é um processo que ultrapassa as obviedades das características físicas e está intimamente atrelada a experiência dolorosa de percepção do massacre de sua identidade e de submissão a exigências inalcançáveis moldadas por ideais

estéticos e ideológicos brancos. Ao mesmo tempo reconhecer-se enquanto negro, ou tornar-se negro, nas palavras da autora, neste contexto é assumir sem possibilidade de escolhas o compromisso de resgatar-se historicamente e se recriar enquanto potência (Souza, 1983). Corroborando com a ideia da autora, o psiquiatra Fanon (2008) afirma que sentimentos de incapacidade e desprezo contra si são marcas presentes muito comuns na constituição da identidade da pessoa negra devido aos significados racistas que são construídos em torno de seus corpos na sociedade.

Para além da cor da pele, traços tidos como negróides tem fundamental importância tanto para autopercepção, quanto para atribuição feita pelo outro do grupo étnico-racial ao qual a criança pertence. Ao estudar crianças de diferentes classes econômicas, Fazzi (2012) pôde perceber que o sistema de classificação utilizado por elas era construído sobre uma escala hierárquica com base em diferentes categorias e tons de pele.

O uso de categorias intermediárias entre o branco e o negro, com uso de expressões como pardo, moreno ou mulato, é denunciada enquanto mecanismo que mascara a ideologia de um projeto político de embranquecimento da população brasileira que marcou nossa história e se encontra presente na atualidade. Qualquer nomeação que foge do “negro” se levanta como eufemismo para a fuga da negritude, visto por muitos como uma estratégia de desarticulação do grupo no combate ao racismo (Schucman, 2018).

Por vezes, como afirma Schucman (2018), a identificação com a negritude e a consequente autodeclaração enquanto negro se dá pelas violências vivenciadas. Pessoas negras de pele clara experimentam um estado de limbo, sendo consideradas negras em determinados espaços e brancas em outros.

Associada a esta diferença, levantamos a importância do (re) conhecimento sobre o mito da democracia racial. Este acordo tácito marcado pela pseudo cordialidade na convivência entre grupos étnico-raciais distintos foi responsável por selecionar os atores

autorizados a participar dos espaços de decisão da vida pública (Almeida, 2019). Possui efeitos práticos e reais na manutenção da desigualdade e permeia nosso imaginário popular ainda na contemporaneidade (Almeida, 2019). Com isso, é válido ressaltar o tipo de racismo predominante no país para compreensão das relações étnico-raciais estabelecidas em território brasileiro (Guimarães, 2006). Segundo Nogueira (2007), o racismo no Brasil se caracteriza como de marca; ou seja, ele é exercido sobre pessoas em que as características físicas pertencem ao grupo étnico racial negro, diferente do racismo de origem que predomina em países como os Estados Unidos da América, onde como o próprio nome sugere, basta a suposição de que o indivíduo origine de determinado grupo étnico-racial para sofrer o preconceito.

Como pode ser visto valores culturais, políticos e ideológicos tem significativa influência no processo de desenvolvimento da identidade étnico-racial dos indivíduos. Katz (1982) formulava hipóteses sobre mudanças de atitude e a construção de uma identificação étnico-racial mais positiva. Além disso, pensava sobre a importância para o estudo e acompanhamento do desenvolvimento social da criança, a compreensão da alta prevalência de atitudes racistas nos adultos em seu entorno. Este pensamento já reforçava a importância de estudos que envolvessem também atitudes dos familiares - primeiro grupo de socialização da criança.

Por atitude podemos entender como sentimentos a favor ou contra objetos e pessoas com as quais interagimos na nossa realidade (Rodrigues, Assmar, e Jablonski, 2008). Allport (1979) usou o conceito de atitude para explicitar seu conceito de preconceito, afirmando ser o preconceito uma atitude contrária a um indivíduo por este pertencer a determinado grupo, sendo que essa atitude não se modifica mesmo após a interação com o sujeito. Diferenciam-se das crenças, que podem ser definidas como afirmativas feitas pelo sujeito com base em suas próprias experiências (Kruger, 2011).

Allport (1979), ao discorrer sobre o que o autor denominou de “a natureza do preconceito,” afirmou que em muitos casos a diferenciação entre atitude e crença não se faz necessária, pois ao se deparar com a primeira muito provavelmente encontrará acesso a segunda. No entanto, segundo o próprio autor, justamente pela crença acessar a dimensão cognitiva do preconceito existe casos em que as crenças podem ser modificadas, mas as atitudes negativas permanecem. Por este motivo, apesar da correlação existente entre estas duas variáveis, para o presente trabalho viu-se a necessidade de mensuração destes aspectos de modo minimamente isolado.

## Capítulo 2 – A socialização racial enquanto estratégia de enfrentamento do preconceito

A socialização e o diálogo entre os pais e os filhos mostram-se como uma excelente estratégia para a adaptação de ambos durante o processo de adoção e o período imediato à legalização e inserção na família (Mohanty, 2010). Brodzinsky e Pinderhughes (2002) sugerem que pais adotivos devam proporcionar uma conversa aberta e franca, respondendo aos interesses da criança sobre sua história, na medida e com estratégias que respeitem sua capacidade de compreensão.

O diálogo entre pais e crianças adotivas envolve além da adoção assuntos pertinentes ao cotidiano desta família. No caso de crianças negras, o racismo mostra-se como temática urgente para discussão, pois a aprendizagem do racismo inicia desde cedo por meio dos distintos tipos de interação, como contatos próximos com familiares, professores e colegas na escola ou com símbolos amplamente difundidos pela mídia (Da Silva e Branco, 2011). A família, principal exemplo de espaço de socialização primária, surge então como um local privilegiado para o aprendizado sobre a vida, a sociedade e sobre si. As interações familiares contribuem para a reflexão sobre o modo de ser e estar em outros espaços em níveis mais elaborados de socialização relacionados às identificações com grupos aos quais faz parte. Desse modo, a família pode ser considerada uma unidade cultural essencial da criança para que esta atue em seu meio social (da Silva e Branco, 2011).

A consciência e a identificação étnico-racial da criança sofrem grande influência do seu contexto de socialização primário, núcleo familiar. Este por sua vez, construído a partir das experiências prévias de seus membros e aspectos macrossistêmicos nos quais todos estão inseridos. Esses aspectos são refletidos, por exemplo, nas atitudes, crenças e práticas dos pais adotivos com relação às questões étnico-raciais. Mais especificamente, podemos definir as práticas parentais que visam promover a consciência racial e preparação dos filhos para enfrentamento do racismo como socialização racial (Mohanty, 2010).

Socialização racial pode ser definida como o conjunto de comportamentos dos adultos que convivem com a criança, em especial dos pais, voltados para o auxílio no desenvolvimento de estratégias para enfrentamento do preconceito e a discriminação racial (Monhanty, 2010). Lee, Vonk e Crolley- Simic (2015) propõem que a socialização racial envolva a consciência racial dos pais (seja branca ou negra), reconhecimento das diferenças e das proximidades raciais com seus filhos e consciência da dinâmica social em relação ao racismo. É importante para que a socialização racial ocorra que os pais se mantenham conscientes de seu papel na construção da identidade étnico-racial positiva de seus filhos e proporcionem a integração da criança com pessoas do étnico-racial ao qual ela pertence (Lee, Vonk e Crolley-Simic, 2015).

É fundamental a compreensão de que diversos aspectos podem influenciar essas práticas de socialização, incluindo o próprio grupo étnico-racial dos pais adotivos, bem como suas crenças e atitudes relacionados às questões raciais na sociedade. Desta forma, investigar os aspectos cognitivos dos pais adotivos é crucial para compreender suas práticas, incluindo as crenças e atitudes sobre a importância da socialização racial (Mohanty, 2010).

Dentro do campo de estudo da adoção, os processos de adoções inter-raciais e interculturais apresentam relativo destaque, principalmente em publicações internacionais. Isso se deve às diferenças étnico-raciais entre os filhos adotados e os pais adotantes, as quais implicam em particularidades desafiadoras ao processo de adaptação e a construção da identidade étnico-racial da criança. Nestes casos, observa-se uma demanda por parte dos pais em auxiliar seus filhos a compreender estas diferenças e a elaborar estratégias de enfrentamento do preconceito, ainda que não pertençam ao mesmo grupo étnico-racial (Ferrari, Rosnati, e Lee, 2017; Vonk, Lee, e Crolley-Simic, 2010). Como apontam Kim, Reichwald e Lee (2012), famílias formadas por adoções internacionais que foram capazes de

reconhecer e dialogar sobre as diferenças étnico-raciais colocadas entre elas e seus filhos conseguiram promover um maior envolvimento cultural quando comparadas às famílias que negavam estas distinções. Para estes autores, a socialização racial pode ser considerada uma estratégia eficaz no auxílio às crianças na elaboração de estratégias de enfrentamento do preconceito.

Questões étnico-raciais, preconceituosas ou não, são passadas de modo intergeracional ainda que não verbalizado à criança. É ainda na infância que o indivíduo percebe o nível e prestígio social que suas características físicas, psicológicas, de gênero e/ou socioeconômicos recebem na sociedade, contribuindo para uma atribuição de valores positivos ou negativos sobre si, ou seja, com influência sobre a auto-estima e a noção de si (Da Silva & Branco, 2011). Nesse sentido, em famílias adotivas, Mohanty e Newhill (2006) indicaram uma associação positiva entre a socialização racial e a auto-estima dos adotados. Essa associação foi mediada pelo sentimento de pertencimento à família adotiva e pela crença de que eles não eram marginalizados da cultura dominante. Isso está alinhado com a sugestão de Yoon (2004) de que crianças adotivas que recebem apoio familiar por meio de sentimentos de amor e pertencimento têm maior probabilidade de desenvolver um senso de *self* apropriado e ter um bem-estar mais positivo.

Lee, Grotevant, Hellerstedt, Gunnar, e The Minnesota International Adoption Project Team (2006) propuseram que, além das crenças dos pais sobre a importância da socialização racial, as atitudes dos pais sobre a importância de questões étnico-raciais também são importantes para o entendimento de suas práticas. Segundo eles, esses aspectos estão relacionados entre si e os pais que negam ou desconhecem a prevalência e os danos do racismo e da discriminação têm menor probabilidade de acreditar na importância da socialização racial e, por sua vez, de engajar em práticas de socialização. Por exemplo, esses autores encontraram que pais com mais atitudes étnico-raciais de “não ver cor/raça” (quando

as diferenças raciais e étnicas são minimizadas ou negligenciadas) eram menos propensos a ter seus filhos participando de atividades culturais da origem étnico-racial deles.

Em contrapartida, os achados de Berbery e O'Brien (2011) indicaram que pais adotivos relataram altos níveis de crenças na importância da socialização racial. No entanto, suas crenças não correspondiam diretamente a seus comportamentos, e os pais não necessariamente se envolviam com frequência em atividades reais de socialização. É possível que essa disparidade entre crenças e práticas esteja relacionada a fatores contextuais, como a falta de recursos disponíveis e baixa participação nos grupos de apoio de adoção. Em outras palavras, pode ser que os pais adotivos realmente acreditem que uma socialização racial seja importante, porém faltam recursos ou conhecimentos sobre como fornecer e se engajar nas práticas de socialização.

Alinhado a isso, um estudo realizado por Cavalleiro (1998) apontou que muitas famílias negras de baixa renda (não adotivas) não consideravam o racismo diretamente como temático na socialização com seus filhos. Apesar de vivências pessoais de enfrentamento diário do racismo, a maioria o fazia na tentativa de proteger estas crianças de sofrimentos inevitáveis dentro de um trato social cujo preconceito é uma de suas constituintes. Por outro lado, Brito (2013) afirma que apesar de muitas famílias não se reconhecerem enquanto capazes de enfrentar o racismo, quando tal prática discriminatória acontecia com seus filhos, a conduta comum é se encaminhar ao local do ocorrido para resolução do problema em defesa da criança.

De maneira semelhante, em famílias adotivas, Kim et al. (2012) enfatizaram que os pais participavam em tipos mais abertos de socialização étnico-racial, mas não mencionaram engajamento em conversas em torno de discriminação ou identidade racial/étnica. Esses achados chamam a atenção para o fato de que a socialização deve incluir mais do que apenas uma exposição superficial às questões étnico-raciais e envolver experiências significativas. É

importante que os pais se envolvam em discussões sobre as experiências étnico-raciais das crianças cotidianamente (Kim et al. 2012; Le Mare e Audret, 2011).

Ademais, as características étnico-raciais de pais que adotam crianças negras são importantes para entender o envolvimento da família nas práticas de socialização (Johnston, Swim, Saltsman, Deater-Deckard e Petrill, 2007; Lee et al., 2006; Vonk et al., 2010). Berbery e O'Brien (2011) e Johnston, Swim, Deater-Deckard e Petrill (2007) realizaram estudos visando compreender a relação do impacto da própria etnia dos pais, onde examinaram a relação da identidade racial de pais brancos com os comportamentos de socialização racial. Ambos os estudos não encontraram nenhuma relação significativa. Esta questão chama a atenção para a importância que o status de minoria étnica pode ter no processo de socialização racial e a influência pouco estudada e obscura de uma identidade branca nesse processo.

É importante também considerar a noção da sensibilidade dos pais às diferenças étnico-raciais de seus filhos. Para Coakley e Buehler (2008), os pais que apresentam uma receptividade maior a diversidade estariam mais dispostos a buscar conhecimento sobre a etnia de seus filhos, bem como buscar apoio e recursos que possam ser úteis para uma prática de socialização eficiente. Mohanty e Newhill (2006) também destacaram a importância da sensibilidade e capacidade de resposta dos pais adotivos em relação à raça, etnia e cultura de seus filhos para melhor adaptação dos filhos adotivos.

Dessa forma, acredita-se que as crenças, atitudes e comportamentos dos pais em famílias adotivas serão de grande relevância para o desenvolvimento de uma identificação étnico-racial positiva e estratégias de enfrentamento do preconceito mais eficazes. Em famílias onde este diálogo sobre a discriminação vivenciada pelas crianças é negado, observa-se uma tendência a manifestação de sentimento de insegurança, desconfiança e rebeldia (Alvarenga & Bittencourt, 2013; Brito, 2013; Cavalleiro, 1998). Assim, há uma necessidade de se investigar tanto como pais adotivos negros como brancos pensam e interagem com seus

filhos com relação às questões étnico-raciais e como essas interações impactam o interesse e identificação dos filhos em relação ao seu grupo étnico-racial. No intuito de compreender este fenômeno complexo de interações que envolvem características físicas, históricas e psicológicas pessoais, bem como valores culturais, políticos, históricos e econômicos de toda uma sociedade lança-se mão da Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano de UrieBronfenbrenner.

### Capítulo 3 – Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano

A Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano (TBDH), desenvolvida por Urie Bronfenbrenner, surge aproximadamente 10 anos após a publicação da Teoria dos Sistemas Ecológicos de 1979, também de sua autoria. Para ele, as pesquisas em torno do desenvolvimento humano se davam de modo artificial, com dados coletados por pessoas desconhecidas, em ambientes desconhecidos e de modo pontual. Assim, algumas variáveis de grande influência nesse processo eram desconsideradas, como os contextos, as interações que esse indivíduo estabelece e o período em que interage com estes elementos (Bronfenbrenner, 2011).

Com isso, por volta de 1998, Bronfenbrenner sistematiza o modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (Modelo PPCT), a fim de aplicar seu modelo a pesquisas com base na TBDH (Rosa e Tudge, 2013). O modelo PPCT se propõe a colocar elementos importantes na análise sobre o processo de desenvolvimento humano, entendido pelo autor como:

o fenômeno de continuidade e de mudança das características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos. Esse fenômeno se estende ao longo do ciclo de vida humano por meio das sucessivas gerações e ao longo do tempo histórico, tanto passado quanto presente (Bronfenbrenner, 2011, p.43).

O elemento “Processo” refere-se aos processos proximais, caracterizado por Bronfenbrenner como a força motriz e orientadora do desenvolvimento. Os processos proximais são “interações recíprocas progressivamente mais complexas entre um organismo humano biopsicológico em evolução ativa e as pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente imediato” (Bronfenbrenner, 2011, p.25). Com as revisões da teoria, os processos proximais são o coração da Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano, a grande alavanca para o desenvolvimento (Rosa e Tudge 2013).

O elemento “Pessoa” apresenta as características próprias do indivíduo e podem ser entendidas a partir da subdivisão em três subcategorias: demanda; recurso; e força. As

características de demanda são aquelas observáveis de imediato durante o processo de interação, como cor da pele, estatura, estrutura do cabelo, expressão de gênero, entre outras. As características de recurso são aquelas que se construíram com base nas experiências anteriores do sujeito, como competência ou não em determinada tarefa, por exemplo. As características de força estão relacionadas à motivação e persistência do indivíduo em determinadas interações e tarefas (Bronfenbrenner, 2011; Tudge, Rosa & Payir, 2018).

Bronfenbrenner também propõe quatro contextos que interagem entre si, os quais nomeou de sistemas, sendo eles: microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. O microssistema é o local onde ocorrem as interações mais próximas, podendo ser considerado o palco dos processos proximais, e tem grande influência na formação da identidade. A família, via de regra, é o primeiro microssistema onde a criança se insere, passando a compor outros no decorrer do seu crescimento. O mesossistema configura-se com a interação de dois ou mais microssistemas (e.g. a experiência de discriminação racial vivenciada no microssistema escolar sendo conversado com pais e estratégias de enfrentamento sendo elaboradas em conjunto). O exossistema diz respeito aos ambientes em que a pessoa não interage diretamente, mas que também exercem influência sobre ela, como por exemplo o trabalho dos pais. Já o macrosistema diz respeito aos valores culturais, econômicos, ideológicos e sociais existentes nos espaços em que o indivíduo está inserido (Bronfenbrenner, 2011; Tudge et al., 2018). No caso do Brasil, o mito da democracia racial, resulta na construção de esquemas sociais, estereótipos, atitudes e crenças que terão influência nos pais e por conseguinte nos processos proximais com seus filhos e na prática de socialização racial (Bronfenbrenner, 2011; da Silva, 2010; Guimarães, 2006).

Por último, mas não menos importante, Bronfenbrenner propõe para análise a variável “Tempo” como influenciadora dos processos proximais e subdivide em três tipos, sendo eles: microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo refere-se ao que ocorre durante os

processos proximais, diz da qualidade desta interação levando em conta fatores como atenção dedicada e motivação em realizá-la. O mesotempo fala da frequência em que esta interação ocorre, sendo observadas diferenças entre o efeito desta interação ocorra diariamente ou anualmente, salvo nos casos de eventos traumáticos, como a morte de um familiar importante ou um acidente, que poderá marcar grande influência no curso de vida do sujeito. Por fim, o autor propõe o macrotempo que discorre sobre as características da época em que este sujeito se desenvolve, levando em consideração as mudanças históricas que ocorrem ao longo do tempo e suas influências do indivíduo (Bronfenbrenner, 2011; Tudge et al., 2018).

Bronfenbrenner (2011), através de diversas proposições, enfatizou alguns elementos importantes para a utilização do modelo PPCT no estudo do desenvolvimento humano. Por exemplo, ele propôs que o desenvolvimento humano ocorre por meio de processos de interações recíprocas (processos proximais) entre um indivíduo em desenvolvimento e as pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente imediato. Esses processos se tornam progressivamente mais complexos ao longo do tempo. Além disso, a forma, o poder, o conteúdo e a direção dos processos proximais variam de forma sistemática e conjunta de acordo com a característica da pessoa em desenvolvimento e do ambiente (tanto os imediatos como os mais remotos). Assim, os elementos do modelo proposto por Bronfenbrenner devem ser vistos de forma conjunta e sistêmica.

Em relação a este estudo, parte-se do pressuposto de que as características de demanda da pessoa, aqui entendidos como traços étnico-raciais relacionadas à negritude (características de demanda da pessoa), junto ao racismo estrutural existente na sociedade brasileira (macrossistema), têm influência nas interações entre pais e filhos e nos contextos de desenvolvimento das crianças negras. Credo na força dos processos proximais, aqui representado como a variável socialização parental, inferimos como hipótese que tal interação entre pais adotivos e seus filhos, junto com características pessoais e contextuais, terá

influência no desenvolvimento de uma identidade étnico-racial positiva, ou seja, que a criança seja capaz no decorrer do seu desenvolvimento de construir atitudes positivas quanto às suas características pessoais de demanda (traços físico que remetem à negritude), bem como manter interesse pelas produções culturais do grupo étnico-racial a qual pertence (Bronfenbrenner, 2011; Tudge et al., 2018).

Com isso, o presente trabalho se propõe a contribuir no aprofundamento do tema da adoção de crianças negras. Para tal, busca-se dar ênfase no modo como os fatores culturais e históricos tomam corpo nas relações bidirecionais de caráter mais proximal. Neste estudo corporificadas nas atitudes, crenças e práticas parentais relacionadas a questões étnico-raciais. Além disso, busca-se compreender as influências dessas relações nos processos importantes para a formação de uma identidade étnico-racial positiva da criança, marcada pelo interesse e a identificação pelo grupo a qual pertence.

## Capítulo 4. Objetivos

### **Objetivo Geral**

- Investigar se as atitudes negativas quanto à negritude, crenças positivas sobre a importância da socialização racial e práticas de socialização racial de pais adotivos tem influência no interesse e na identificação étnico-racial de crianças negras adotadas.

### **Objetivos específicos**

- Examinar a correlação entre variáveis socioeconômicas e o nível de engajamento dos pais em práticas de socialização racial;
- Averiguar se há diferença significativa na identificação étnico-racial positiva das crianças com a negritude a depender da identificação étnico-racial dos pais (brancos, negros, casais inter-raciais);

Investigar se há diferença significativa nas práticas de socialização racial a depender da identificação étnico-racial dos pais (brancos, negros, casais inter-raciais);

## Capítulo 5 – Método

A presente dissertação de mestrado é parte de um projeto mais abrangente intitulado “Pelos caminhos da adoção: Socialização parental e adaptação na família sob um enfoque bioecológico” no Núcleo de Estudos, Pesquisa e Intervenção com Crianças, Adolescentes e Famílias (NECRIAD), que desenvolve outras pesquisas voltadas para temática da adoção. O projeto tem como objetivo identificar, compreender e promover estratégias de socialização parental positiva que impactam a adaptação das crianças em suas famílias adotivas, tais como comunicação familiar sobre adoção e história da criança e práticas de socialização relacionadas às questões raciais.

### **Participantes**

Para o presente estudo recrutamos pais adotivos que realizaram adoção legal de crianças negras em todo território nacional há pelo menos um ano. O intervalo de idade das crianças foi entre 3 e 17 anos no momento em que os pais completaram os formulários. Não foram utilizados como critérios de exclusão arranjo familiar (famílias monoparentais, hétero ou homoafetivas), identificação racial/étnica dos pais, e filhos biológicos. No total 150 familiares responderam aos formulários online sobre crenças, atitudes e práticas de socialização em relação a questões étnico-raciais, bem como sobre como eles percebiam o interesse e a identificação de seus filhos ao grupo étnico-racial a qual pertencem.

Dos 150 participantes, foram excluídos 38 formulários. Destes, 33 participantes completaram somente o perfil socioeconômico, dois relataram que o filho tinha algum tipo de deficiência grave que comprometia a percepção dos pais quanto à identificação étnico-racial da criança, dois tinham filhos adotivos com mais de 17 anos no momento em que responderam o formulário, e um se tratava de um caso de adoção unilateral, onde um dos parceiros era pai biológico da criança. Desta forma, para a presente pesquisa, foram consideradas as respostas de 112 participantes. A fim de verificar possíveis vieses na amostra,

foram conduzidas análises de comparação (teste *t* e Qui-Quadrado) entre os participantes incluídos nas análises ( $n = 112$ ) e os excluídos das análises. Os testes *t* não apontaram diferenças estatísticas. No entanto, as comparações de Qui-Quadrado indicaram algumas diferenças entre os participantes incluídos e os não incluídos; uma maior proporção de pais (30,6%) do que mães não completaram os questionários ou foram excluídos da análise ( $X^2 (2, N = 148) = 13,5, p = 0,001$ ). Além disso, uma maior proporção de participantes com parceiros pertencentes a minorias étnico-raciais (63,6%) do que participantes com parceiros brancos não completaram os questionários ou foram excluídos da análise ( $X^2 (1, N = 112) = 7,98, p = 0,005$ ).

Dos casos selecionados, a maior concentração de respostas se deu na região sudeste do país (51%). A média de idade dos respondentes foi de 42,05 anos ( $DP = 7.58$ ), sendo 83% mães; 60,7% dos participantes se declararam de raça/cor branca e 80,4% tinha ensino superior completo ou mais anos de estudo. A maioria dos respondentes se declarou heterossexual (80,4%) e 69,6% dos participantes afirmaram estar casado. Dentre as pessoas casadas ou em união estável (80,3% dos participantes), a média de idade dos parceiros foi de 44,26 anos ( $DP = 8.36$ ), sendo que 53,6% dos parceiros tinham ensino superior completo ou mais anos de estudo e 68,9% ( $DP = 1,2$ ) afirmou que o parceiro era da raça/cor branca. Um total de 28,2% vivia em um relacionamento inter-racial, onde os respondentes declaram como pertencentes a um grupo étnico-racial diferente de seu parceiro (a). Com base nisso, 50,9% dos respondentes realizaram adoção inter-racial, na qual ambos os responsáveis são de um grupo étnico-racial diferente do seu filho adotivo.

Do número total de participantes, 89,3% professavam sua fé vinculada a alguma orientação religiosa, sendo a mais frequente a católica (42,9%). A maioria dos respondentes (33%) tinha como renda familiar de 3 a 6 salários mínimos mensais e a média de pessoas que residiam na casa era de 3,72 pessoas ( $DP = 1,11$ ). (Mediana ou moda seria mais adequada)

Um total de 68,8% dos participantes não tinha filhos biológicos, sendo que a média de filhos biológicos na amostra foi de 1,35 filhos por respondente ( $DP=0,69$ ), e a média de filhos adotivos foi de 1,54 filhos ( $DP=0,73$ ). Ademais, 75,9% dos participantes não realizaram nenhum tipo de tratamento para ter filhos biológicos. Quando reduzimos a amostra somente àqueles que não tinham filhos biológicos, o percentual de pessoas que não recorreu a algum tipo de tratamento para ter filhos biológicos passa para 66,2%.

Nos casos em que o respondente tinha mais de um filho adotivo foi solicitado que listassem o gênero em ordem crescente de idade, ou seja, do filho mais novo para o mais velho. Para efeito das respostas seguintes em relação às práticas de socialização racial e interesse da criança ou adolescente pela temática negritude, foi solicitado que os pais levassem em consideração o filho mais velho. Por este motivo será dada maior relevância a categorias de idade, gênero e tempo de adoção dos filhos mais velhos. A média de idade dos filhos adotivos mais velhos foi de 11,4 anos ( $DP=3,75$ ), sendo 52,8% do sexo feminino. O tempo médio de adoção era de 4,73 anos ( $DP= 4,5$ ) e a média de idade ao ser adotado foi de 6,8 anos ( $DP=4,8$ ). O total de 29,9% das crianças foi adotada com idade igual ou inferior a três anos. A caracterização dos participantes está descrita nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1:

Caracterização dos participantes

<b>Item</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>N</b>
<b>Idade do/a Respondente</b>	42,05	7,58	112
<b>Idade do/a Parceiro/a</b>	44,26	8,36	90
<b>Média de Filhos/as Biológicos/as</b>	1,35	0,69	34
<b>Média de filhos/as adotivos/as</b>	1,54	0,73	112
<b>Idade do/ filho/a adotivo/a mais velho/a</b>	11,40	3,75	109
<b>Tempo de adoção do/a filho/a mais velho/a</b>	4,73	4,50	108
<b>Média de pessoas que residem na casa</b>	3,72	1,11	112
<b>Idade da criança quando foi adotada</b>	6,8	4,8	107

Tabela2:

Caracterização dos participantes – Frequência

<b>Item</b>	<b>Categorias</b>	<b>Frequência</b>	<b>N</b>
<b>Vínculo com a criança</b>	Mãe	83%	112
	Pai	17%	
	Outro	0%	
<b>Região do país em que reside</b>	Centro Oeste	10,7%	112
	Nordeste	21,4%	
	Norte	0,9%	
	Sudeste	51%	
	Sul	16,1%	
<b>Escolaridade do/a respondente</b>	Fundamental incompleto	1,8%	112
	Fundamental completo	0,9%	
	Ensino médio incompleto	0,9%	
	Ensino médio completo	4,5%	
	Ensino técnico completo	2,7%	
	Ensino superior incompleto	8,9%	
	Ensino superior completo	23,2%	
	Especialização	38,4%	
	Mestrado	12,5%	
	Doutorado	6,3%	
<b>Raça/cor do/a respondente</b>	Branca	60,7%	112
	Indígena	1,8%	
	Negra	3,6%	
	Parda	33%	
	Outra	0,9%	
<b>Orientação sexual do/a respondente</b>	Assexual	0%	112
	Bissexual	4,5%	
	Heterossexual	80,4%	
	Homossexual	13,4%	
	Outro	1,8%	

<b>Estado civil do/a respondente</b>	Casado	69,6%	112
	Separado ou divorciado	7,1%	
	Solteiro	11,6%	
	União estável	10,7%	
	Viúvo	0,9%	
	Outro	0%	
<b>Escolaridade do/a parceiro/a</b>	Fundamental incompleto	6%	84
	Fundamental completo	3,6%	
	Ensino médio incompleto	2,4%	
	Ensino médio completo	19,4%	
	Ensino superior incompleto	15,5%	
	Ensino superior completo	27,4%	
	Especialização	20,2%	
	Mestrado	3,6%	
	Doutorado	2,4%	
<b>Raça/cor do/a parceiro/a</b>	Amarela	1,1%	90
	Branca	68,9%	
	Indígena	1,1%	
	Parda	21,1%	
	Preta	1,1%	
	Negra	6,7%	
<b>Orientação religiosa</b>	Católica	42,9%	112
	Espírita	15,2%	
	Evangélica	19,6%	
	Sem orientação religiosa	10,7%	
	Outra	11,6%	
<b>Renda familiar</b>	1 a 3 salários mínimos R\$998,00 a R\$2.994,00	13,4%	112
	3 a 6 salários mínimos R\$2.994,00 a R\$5.988,00	33%	

	6 a 9 salários mínimos R\$5.988,00 a R\$8.982,00	21,4%	
	9 a 12 salários mínimos R\$8.982,00 a R\$11.976,00	9,8%	
	12 à 15 salários mínimos R\$11.976,00 a R\$14.970,00	7,1%	
	Mais de 15 salários mínimos Mais de R\$14.970,00	15,2%	
<b>Tratamento para ter filho/a biológico/a</b>	Não	75,9%	112
	Sim	24,1%	
<b>Tem filhos/as biológicos/as?</b>	Não	68,8%	112
	Sim	31,3%	
<b>Gênero do/a filho/a adotivo/a mais velho/a</b>	Feminino	52,8%	108
	Masculino	47,2%	

### **Instrumentos**

Os participantes completaram cinco questionários online (APÊNDICE A). As seguintes variáveis foram acessadas pelos questionários:

**Características Sócio-Demográficas.** Incluindo questões sobre vínculos com a criança (mãe, pai ou outro), em qual estado reside, estado civil, renda, grau de escolaridade, idade, cor/etnia, profissão e religião do respondente e do parceiro nos casos em que houver. A variável renda foi categorizada em classes A, B e C com base na faixa de salário-mínimo por família proposto pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram incluídas perguntas para caracterização da criança como idade, gênero e tempo de adoção.

**Atitudes Negativas Parentais frente a Pessoas Negras.** Os participantes completaram 9 itens em uma escala Likert de 5 pontos (de discordo totalmente a concordo

totalmente) buscando identificar as atitudes negativas com relação a pessoas negras e o racismo na sociedade brasileira (e.g., O racismo pode ter sido um problema no passado, mas não é mais hoje em dia). O alfa de Cronbach foi igual a 0,83. Esse questionário foi adaptado do *Blatant Racial Issues subscale of the Color-Blind Racial Attitude Scale ([CoBRAS]*, Neville, Lilly, Duran, Lee, e Browne, 2000 citado por Lee, Grotevant, Hellerstedt e Gunnar, 2006) e da Escala de racismo modern adaptado ao contexto brasileiro (Dos Santos, Gouveia, Navas, Pimentel e Gusmão, 2006).

**Crenças Parentais sobre a importância da socialização racial.** Os participantes completaram 11 itens em uma escala Likert de 5 pontos (de discordo totalmente a concordo totalmente ou de frequência entre nunca e sempre) com intuito de identificar crenças quanto a importância da socialização racial para o desenvolvimento de uma identificação étnico-racial positiva em seus filhos (e.g., Eu acredito que ter uma identidade étnico-racial positiva ajudará meu filho/minha filha a lidar com racismo e discriminação no futuro). O alfa de Cronbach foi igual a 0,73. As perguntas se basearam no *Transracial Adoption Parenting Scale ([TAPS]*; Massati, Vonk, e Gregoire, 2004 e *[TAPS-R]*; Lee, Vonk e Crolley-Simic, 2015).

**Práticas Parentais quanto à socialização racial.** Os participantes completaram 15 itens em uma escala Likert de 5 pontos (com frequência de nunca a sempre e de discordo totalmente a concordo totalmente) visando identificar práticas voltadas para socialização racial (e.g., Eu estou ensinando meu filho/minha filha como responder a insultos e comentários racistas). O alfa de Cronbach foi igual a 0,83. Estas perguntas se basearam nos questionários *Cultural and Racial Socialization Self-Efficacy Scale* (Berbery e O'Brien, 2011), *Predictors of Race, Adoption, and Sexual Orientation Related Socialization of Adoptive Parents of Young Children* (Golberg e Smith, 2016), e *TAPS-R* (Lee et al., 2015).

**Interesse e Identificação da Criança por Questões Étnico-Raciais.** Os participantes completaram 4 itens em uma escala Likert de 5 pontos (com frequência de nunca a sempre e

de discordo totalmente a concordo totalmente) para mensurar suas percepções sobre o interesse e a identificação dos seus filhos quanto a negritude; (e.g., Com que frequência seu filho/sua filha demonstra sentimentos negativos (frustração, tristeza, raiva) em relação a ser negro/a?). O Alfa de Cronbach foi igual a 0,70. Estas perguntas se basearam no *Ethnic and Racial Socialization of Transracial Adoptee Scale* ([ERSTAS]; Mohanty, 2010).

### **Procedimentos de Coleta de Dados**

Os questionários online ficaram disponíveis entre março de 2019 e fevereiro de 2020 na plataforma *Qualtrics*, cujo link de acesso foi amplamente divulgado em grupos virtuais voltados para adoção em todo o país e em espaços físicos de encontro de pais adotivos, grupos de apoio a adoção, que acontecem periodicamente nos municípios da Grande Vitória, região composta pela capital do estado do Espírito Santo e municípios arredores. Também foi solicitado que os respondentes repassassem o formulário para conhecidos que se encaixassem no perfil solicitado (*snowball*). Após o período inicial de divulgação com periodicidade mensal, foram realizados contatos com os administradores dos grupos de adoção e de páginas voltadas para a temática nas redes sociais solicitando a republicação a fim de aumentar o alcance em todo território nacional. Antes de começar a responder o questionário, os participantes leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (garantindo o sigilo de todos os participantes e a possibilidade de retirar sua participação a qualquer momento da pesquisa) e somente após sua resposta afirmativa de concordância de participação este era direcionado para a página contendo os questionários.

### **Análise de Dados**

Os dados obtidos foram tabulados no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 20). Inicialmente, os dados foram submetidos à análise fatorial exploratória e teste de confiabilidade dos instrumentos. Em seguida, para acessar a relação entre as variáveis e características dos participantes, foram conduzidas análises descritivas

(média, frequência, desvio padrão) e teste de correlação. A fim de comparar a percepção dos pais sobre a identificação étnico-racial de seus filhos entre os diferentes grupos étnico-raciais dos pais (negros, brancos, e casais inter-raciais), realizou-se análise de variância (ANOVA). Por fim, para investigar as associações entre percepção dos pais quanto à identificação étnico-racial de seus filhos (variável dependente) e as atitudes, crenças e práticas parentais com relação a negritude e questões raciais (variáveis independentes), foi realizado teste de regressão linear. Além das variáveis independentes de interesse, as seguintes variáveis foram adicionadas ao modelo: nível educacional dos pais, idade do filho adotivo e tempo de adoção (essas variáveis foram adicionadas

### **Procedimentos éticos**

Esta pesquisa foi embasada na Resolução nº 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo CAAE 028868118.6.0000.5542. Os respondentes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em consonância com a legislação vigente, onde ao assinar voluntariamente tiveram garantidos seu direito a sigilo e confiabilidade dos dados. Podendo retirar sua participação a qualquer momento sem ônus ou retaliação.

## Capítulo 5 – Resultados

### Resultados Preliminares

**Validação dos Instrumentos.** A fim de explorar a confiabilidade e validade dos instrumentos para a presente amostra, foram conduzidas análises fatoriais dos quatro questionários mencionados acima (Atitudes, Crenças, Práticas e Identificação). Por meio dessas análises, decidiu-se por deletar alguns itens iniciais, a fim de aumentar a consistência interna dos instrumentos. Para tal, utilizou-se como critério a projeção do Alfa de Cronbach com a exclusão de cada item avaliado oferecida pelas análises no SPSS. Os itens excluídos podem ser identificados nos questionários (Apêndice A) destacados em itálico.

Os índices das escalas com os itens retidos apontaram bom nível de confiabilidade do instrumento para atitudes e práticas (Alfa de Cronbach > 0,8), aceitável para as crenças (Alfa de Cronbach > 0,7) e moderado para percepção dos pais quanto à identificação étnico-racial de seus filhos (Alfa de Cronbach > 0,5). Quanto a este último, é válido ressaltar que o Alfa de Cronbach em escalas com menos itens tende a ser mais fraco, por este motivo é aceitável o resultado obtido justificando sua manutenção.

**Resultados Descritivos.** As correlações entre as variáveis podem ser vistas na Tabela 3. As análises de correlação indicaram que pais com maior grau de escolaridade possuíam níveis mais altos de crenças sobre a importância da socialização racial ( $r=0,284$ ;  $p=0,003$ ) e reportaram maiores níveis de identificação étnico-racial positiva de seus filhos ( $r=0,249$ ,  $p=0,013$ ). Participantes com maior renda tinham menores índices de atitudes negativas frente a pessoas negras ( $r=-0,203$ ;  $p=0,032$ ) e níveis mais elevados de crenças positivas sobre a importância da socialização racial ( $r=0,330$ ,  $p=0,001$ ). Pais com crianças mais velhas reportaram maiores crenças ( $r=0,221$ ;  $p=0,025$ ) e se engajar em práticas de socialização racial mais frequentemente ( $r=0,234$ ,  $p=0,022$ ). Quanto maior o tempo de adoção do filho mais

velho, menores foram os índices de atitudes negativas quanto a pessoas negras ( $r=-0,193$ ;  $p=0,045$ ) e maiores escores no questionário sobre crenças ( $r=0,203$ ;  $p=0,041$ ).

Participantes com maiores níveis de atitudes negativas frente a pessoas negras reportaram menores níveis de crenças na importância da socialização racial ( $r=-0,742$ ,  $p=0,000$ ), se engajar menos em práticas de socialização racial com seus filhos ( $r=-0,410$ ,  $p=0,000$ ), e percebiam seus filhos adotivos com menor interesse em seu grupo étnico-racial ( $r=-0,256$ ,  $p=0,012$ ). Pais com maiores níveis de crenças positivas sobre a importância da socialização racial também reportaram se engajar mais em práticas de socialização racial ( $r=0,404$ ,  $p=0,000$ ) e acreditavam que seus filhos tinham níveis positivos de identificação étnico-racial ( $r=0,251$ ,  $p=0,013$ ). Por fim, pais que reportaram engajar mais em práticas de socialização racial também percebiam que seus filhos tinham um maior nível de identificação étnico-racial ( $r=0,300$ ,  $p=0,003$ ).

### **Associação entre Identificação Étnico-Racial da Criança e Atitudes, Crenças, Práticas de Socialização Racial**

Uma regressão linear foi conduzida a fim de prever a percepção dos pais quanto à identificação étnico-racial de seus filhos (variável dependente) com base nas atitudes negativas dos pais frente questões raciais, crenças sobre a importância da socialização racial, e práticas de socialização racial (variáveis independentes). Além disso, foram testados como preditores a idade da criança, o tempo de adoção e a escolaridade do pai/mãe respondente. Uma equação de regressão significativa foi encontrada ( $F(6, 85) = 4, 18$ ,  $p = 0,001$ ,  $R^2 = 0,23$ ). Os resultados indicaram que a escolaridade do pai/mãe respondente ( $B = 0,61$ ,  $t = 2,56$ ,  $p = 0,012$ ) e as práticas parentais de socialização racial ( $B = 0,35$ ,  $t = 2,62$ ,  $p = 0,010$ ) foram preditores significativos da identificação étnico-racial dos filhos. Os resultados da regressão linear estão disponíveis na Tabela 4.

### **Atitudes, Crenças, Práticas de Socialização Racial e Identificação Étnico-Racial da Criança entre Pais Negros, Brancos, e Casais Inter-Raciais**

Uma análise de variância (ANOVA) foi conduzida a fim de comparar as atitudes, crenças, e práticas com relação a questões raciais, bem como a percepção sobre identificação étnico-racial das crianças entre pais negros, brancos, e casais inter-raciais. Para tal, os participantes foram categorizados em três grupos: (a) somente pais negros ( $n = 22$ ); (b) casais inter-raciais ( $n = 30$ ); (c) somente pais brancos ( $n = 56$ ). Os resultados indicaram que não houve diferença significativa na comparação entre as médias dos três grupos em nenhuma das variáveis. As médias de cada grupo nas variáveis testadas podem ser vistas na Tabela 5. As médias foram computadas somando os itens de cada escala e dividindo pelo número de itens (ou seja, as médias das escalas variam de 0 a 5).

Tabela 3:

**Correlação do perfil do participante, variáveis independentes e variável dependente**

	1	2	3	4	5	6	7	8
<b>1. Escolaridade do(a) pai/mãe</b>	-							
<b>2. Renda da família</b>	<b>0,238*</b>	-						
<b>3. Idade da criança</b>	-0,046	<b>-0,195*</b>	-					
<b>4. Tempo de adoção</b>	0,110	<b>0,204*</b>	0,005	-				
<b>5. Atitudes negativas parentais</b>	-0,126	-0,173	-0,112	-0,102	-			
<b>6. Crenças parentais</b>	<b>0,205*</b>	<b>0,256**</b>	0,181	0,146	<b>-0,745**</b>	-		
<b>7. Práticas parentais</b>	0,086	0,044	<b>0,211*</b>	0,019	<b>-0,410**</b>	<b>0,404**</b>	-	
<b>8. Identificação da criança</b>	<b>0,235*</b>	0,177	-0,073	-0,045	<b>-0,256*</b>	<b>0,251*</b>	<b>0,300**</b>	-

Nota. \* $p < .05$ , \*\* $p < .01$ . Correlações significativas estão destacadas em negrito.

Tabela 4

Regressão linear de atitudes negativas, crenças, práticas, idade da criança, tempo de adoção, e escolaridade como preditores da identificação étnico-racial da criança

Preditores	<i>B</i> (EP)	95% IC	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>
<b>Atitudes negativas</b>	-0,02 (0,15)	[-0,31; 0,28]	-0,02	-0,10	0,919
<b>Crenças</b>	0,17 (0,17)	[-0,17; 0,51]	0,15	0,99	0,320
<b>Práticas</b>	0,35 (0,14)	[0,90; 0,62]	0,29	2,62	<b>0,010*</b>
<b>Idade da criança</b>	-0,22 (0,14)	[-0,50; 0,06]	-0,16	-1,59	0,115
<b>Tempo de adoção</b>	-0,14 (0,13)	[-0,40; 0,12]	-0,11	-1,10	0,274
<b>Escolaridade</b>	0,61 (0,24)	[0,14; 1,08]	0,25	2,56	<b>0,012*</b>

*Nota.* EP = Erro Padrão; IC = Intervalo de Confiança; *B* = coeficiente beta não padronizado;  $\beta$  = coeficiente beta padronizado; \* $p < .05$ . Preditores significativas estão destacadas em negrito

Tabela 5

Médias e Desvio Padrão das Atitudes, Crenças, Práticas e Identificação por Grupo Racial

		Atitudes	Crenças	Práticas	Identificação
<b>Pai(s) Negros</b>	<b>Média (DP)</b>	1,54 (0,63)	3,92 (0,57)	3,99 (0,78)	1,75 (0,68)
	<i>N</i>	22	21	19	19
<b>Pai(s) Brancos</b>	<b>Média (DP)</b>	1,68 (0,71)	3,86 (0,69)	3,97 (0,60)	2,02 (0,76)
	<i>N</i>	56	54	50	49
<b>Casais Inter-raciais</b>	<b>Média (DP)</b>	1,73 (0,77)	3,99 (0,57)	4,03 (0,52)	1,95 (0,54)
	<i>N</i>	30	27	26	25
<b>Total</b>	<b>Média (DP)</b>	1,67 (0,70)	3,90 (0,63)	3,99 (0,61)	1,95 (0,69)
	<i>N</i>	108	102	95	93

## Capítulo 6 – Discussão

O objetivo principal deste estudo foi investigar se atitudes negativas quanto à negritude, crenças positivas sobre a importância da socialização racial e práticas de socialização racial de pais adotivos possuem influência no interesse e na identificação étnico-racial de crianças negras adotadas (percebidos pelos pais). Partimos da hipótese de que esses fatores estariam relacionados a uma identificação étnico-racial positiva da criança. De forma geral, os resultados corroboram parcialmente as hipóteses levantadas.

Primeiramente, os dados descritivos sugerem correlação nas direções esperadas entre as principais variáveis (atitudes parentais negativas frente a questões raciais, crenças parentais relacionadas à importância da socialização racial, práticas parentais ligadas à socialização racial). Além disso, nas análises preliminares, foi observada uma correlação positiva entre escolaridade do pai/mãe respondente e as crenças sobre a importância da socialização parental e uma percepção positiva sobre uma identificação étnico-racial dos filhos. Os resultados da regressão linear confirmaram parcialmente algumas das associações observadas nos dados descritivos. Os fatores mais importantes para uma identificação étnico-racial positiva dos filhos foram a escolaridade do pai/mãe respondente e o engajamento em práticas parentais voltadas para a socialização racial.

Apesar da atitude parental frente ao racismo aparecer como influência na formação de uma identidade étnico-racial positiva em alguns estudos internacionais (Goldberg & Smith, 2016; Hamilton, Samek, Keyes, McGue, & Iacono, 2015), na presente amostra foram as práticas que de fato tiveram maior influência. No entanto, há de se considerar possíveis influências indiretas que aspectos macrossistêmicos possam ter nas práticas (através de atitudes e crenças), e estas, por sua vez, na identificação étnico-racial. Como afirmam Bussinger, Merçon-Vargas, Nascimento e Rosa (2018), em uma pesquisa realizada sobre o

perfil do pretendente a adoção no Brasil, aspectos macrossistêmicos tem significativa interferência no próprio processo de decidir constituir família por adoção.

A idealização de um amor puro capaz de superar toda e qualquer barreira, seja ela da ordem que for, mascara o fato que mesmo os laços afetivos tidos socialmente como genuínos são construídos e se mantêm em meio a um tecido social desigual e hierarquizado (Almeida, 2018). Desta maneira, mesmo os relacionamentos filiais são atravessados pelo contexto cultural racista e sofrem diretamente efeitos em seus processos proximais (como as práticas diárias de socialização dos filhos). Almeida (2018) ainda afirma que o racismo se apresenta essencialmente no nosso discurso e modo de sociabilidade. De acordo com Schucman (2018), no Brasil é possível simultaneamente ser contra ao racismo, acreditar que ele deve ser combatido, manter relacionamento amoroso com pessoas negras e ainda assim ser racista. Ainda, no imaginário popular existe a representação da família constituída com similaridade de fenótipos, o que não necessariamente acontecerá nos casos de famílias em que apresenta em sua formação a adoção (Schucman, 2018). Paulina, Ferreira, Bobato e Becker (2018) afirmam que ainda hoje a adoção é marcada por constantes discursos entre aproximações e diferenças físicas entre pais e filhos. Quando essa diferença se mostra explícita pelas partes pertencerem a grupos étnicos distintos, parece imperar sobre as famílias a necessidade de busca e engajamento maior em encontrar ferramentas possíveis para melhorar a relação (Goldberg & Smith, 2016).

Com relação a isso, outra hipótese deste estudo se construía na ideia de existir diferenças significativas na identificação étnico-racial das crianças com base na declaração da raça/cor dos pais. Este pensamento se fundamenta na afirmação que as características de recurso da pessoa (modelo PPCT) dos pais teriam considerável influência na construção das práticas de socialização racial (processos proximais) e conseqüentemente na elaboração de uma identificação mais positiva com a negritude. A exemplo disso, Silva e Branco (2011)

atribuem em seu trabalho a postura crítica e contestadora da mãe diante do preconceito vivenciado por seus filhos, negros, devido às discriminações vividas por ela enquanto mulher negra. Todavia, ao contrário do esperado, no presente trabalho não foram encontradas diferenças entre ter pais da mesma etnia-raça, de diferente etnia-raça, ou pelo menos um dos pais da mesma etnia-raça em nenhuma das variáveis relacionadas a questões raciais.

Apesar das diferenças não serem significativas, pode-se ver uma tendência de pais negros a terem menos atitudes negativas frente às questões raciais bem como uma percepção de identidade étnico-racial menos positiva em comparação a pais brancos e casais inter-raciais. Pode ser que pais brancos sejam mais propensos a ver uma identificação étnico-racial de seus filhos mais positiva, minimizando potenciais impactos ligados ao pertencimento de uma minoria étnica em um país perpassado por preconceito. Isto pode estar ligado a uma atitude *color blind* ou cegueira racial - a crença de que para não ser racista é necessário o discurso de não enxergar cores, a qual atua como reforçador na manutenção das díspares relações raciais (Schucman, 2018). No entanto, é preciso ter cuidado ao refletir sobre os resultados aqui encontrados, uma vez que as diferenças não foram estatisticamente significativas. É possível que a amostra não seja grande o suficiente para apreender potenciais diferenças, ou pode ser que pais negros e brancos de fato possuam percepções semelhantes quanto à identificação étnico-racial de seus filhos.

Especialmente no Brasil, em decorrência dos processos sociais e históricos vivenciados por nossa população, existe a tendência de negação do racismo e o enaltecimento do mito da democracia racial (Almeida, 2018). Lee et al. (2015) e Vittrup (2018) nos mostram que inicialmente na história de adoções inter-raciais o *color blind* foi preponderante, mas na atualidade muitas pesquisas (principalmente nos Estados Unidos), como a de Lee, Vonk, Han e Jung (2018) apontam que crianças que pertencem a grupos étnico-raciais diferente de seus pais necessitam de suporte destes para o desenvolvimento de uma identidade positiva e para

elaboração de estratégias efetivas de enfrentamento da discriminação. Costa (1986), em seu livro *violência e psicanálise*, afirma que violência experienciada pela criança no seio familiar ainda nos primeiros anos de vida pode contribuir para negação de seus traços e para o desejo identificatório com um corpo oposto ao seu. A estratégia de embranquecimento, por meio das mudanças possíveis em seu corpo, nesta perspectiva surgiria como meio de aproximação do corpo tido socialmente como belo e digno de receber afeto.

A falta de diferença entre pais de diferentes etnias-raças encontradas no presente estudo contrasta com alguns achados internacionais. Por exemplo, Goldberg e Smith (2016) encontraram que pais brancos com filhos negros se sentiam menos aptos para discutir racismo. Quanto a isso, cabe refletir sobre a ideia de que todos têm o seu papel na desconstrução do racismo a partir do seu lugar de fala (Ribeiro, 2017; Ribeiro, 2019). Ribeiro (2017), em seu livro “Lugar de fala”, nos traz que este conceito diz respeito à consciência da localização social que seu corpo ocupa; é saber de onde falamos e quais prejuízos ou privilégios esse lugar permite experimentar.

Uma pessoa branca, por exemplo, não é capaz de narrar a experiência discriminatória em espaços sociais em decorrência de sua cor (característica de demanda), mas pode e deve pensar sobre os privilégios de acesso que sua cor traz no acesso a estes mesmos espaços. Isso chama atenção para uma necessidade de estudos que abordem a branquitude. Não como uma identidade étnico-racial que serve de norma, mas sim como mais um modo de pertença e todas as implicações que a valorização deste grupo traz nessa construção e na manutenção da disparidade de acesso a direitos (Bento, 2017; Ribeiro, 2017).

Reforça-se aqui a importância da consciência racial dos pais, sejam brancos ou negros, e do interesse destes nas produções sociais (culturais, políticas, econômicas, entre outras) de pessoas do grupo étnico-racial de seus filhos, de pessoas negras. Desta forma, é possível que a criança reconheça, ainda no microsistema familiar, os significados positivos

na negritude contribuindo como reforçador de características de força da pessoa, como propõe a TBDH (Tudge et al, 2018).

Outro fator que se mostrou importante para a compreensão da identificação étnico-racial dos filhos foi o grau de escolaridade dos pais adotivos. Nas análises descritivas, observamos que maior escolaridade estava associada a maiores índices na crença sobre a importância da socialização racial, bem como identificação étnico-racial dos filhos. Ou seja, os filhos cujos pais tinham mais anos de estudo e melhor condição socioeconômica tinham a tendência de ter uma identificação mais positiva com a negritude (pela percepção dos pais). E

Este achado está relacionado de certa forma com o estudo de Paulina, Ferreira, Bobato e Becker (2018), onde os autores perceberam na análise dos seus resultados que a preparação para adoção estava intimamente relacionada com a condição socioeconômica. Em contra ponto, Schucman (2018) aponta em seu estudo que o debate sobre racismo em famílias com maior grau de engajamento intelectual pode produzir nos discursos estratégias defensivas que visam transparecer uma imagem não hierárquica e não racista, ainda que o seja.

Ademais, de um ponto de vista desenvolvimental, cabe considerar o impacto que a idade da criança tem nas questões raciais aqui abordadas. Apesar da idade da criança não ter se mostrado um preditor significativo da percepção parental sobre a identificação étnico-racial, nas análises descritivas, observa-se uma correlação positiva entre idade da criança e práticas parentais voltadas para a socialização racial. Ou seja, quanto mais velha a criança, mais os pais se envolviam efetivamente em práticas. Esses resultados podem estar ligados ao fato de crianças mais velhas ocuparem outros importantes microsistemas, como a escola, onde podem se deparar com práticas discriminatórias, exigindo assim dos pais uma postura mais ativa de preparação na elaboração de estratégias de enfrentamento do preconceito.

O racismo estrutural que permeia as relações em nossa sociedade poderia, em uma perspectiva bioecológica, ser entendida como elemento que constitui a cultura, ocupando,

portanto, o macrosistema. No entanto, a teoria também prevê que tais valores se materializam nos processos proximais nos diferentes microsistemas ocupados pelo indivíduo em desenvolvimento. Como nos aponta Coelho e Silva (2015), a escola reproduz relações em um microcosmo das mesmas que acontecem no palco social por meio da relação sociedade-escola e escola-sociedade. O racismo vivenciado por crianças negras diariamente por meio de práticas discriminatórias tende a se intensificar em idade escolar, como podemos perceber no trabalho de Fazzi (2012).

Trinidad (2011), em seu trabalho com 33 crianças em idade pré-escolar, pôde perceber que elas já eram capazes de apontar categorias raciais para nomear diferenças, sendo a cor da pele seguida da textura do cabelo os principais referenciais utilizados por elas na classificação. Diante do contato com vivências discriminatórias no microsistema escolar, pode ser que as crianças passem a demandar maior busca de seus pais para conversa e elaboração de estratégias de enfrentamento do racismo ou que os pais, diante dos relatos dos seus filhos, invistam mais em práticas de socialização racial com intuito de minimizar o sofrimento vivenciado pelas crianças. Isso está de acordo com a ideia de interação bidirecional alinhada com teoria de Bronfenbrenner (2011), na qual a criança é ator ativo nas interações, ou seja, é possível que os pais estejam respondendo a demandas trazidas pelos filhos. Mas pode ser também que pais de crianças mais novas não vejam a importância de engajar em práticas de socialização racial.

No entanto, cabe ressaltar que uma análise aprofundada dos processos proximais em outros microsistemas (como a escola), bem como o diálogo existente entre família e escola (mesossistema), não fazem parte do escopo do presente trabalho, e as reflexões acima são apenas exploratórias. Contudo, os dados nos remetem à importância da interação dos microsistemas que indivíduo participa para que um desenvolvimento mais saudável possível

aconteça. Estudos futuros podem elucidar as inter-relações entre interações em diferentes microsistemas.

Embora no presente estudo haja alguns pontos fortes, existem limitações a serem consideradas que servem de norteadores para pesquisas futuras. Os resultados encontrados tanto da significância de correlação entre as variáveis, quanto no potencial preditivo da variável dependente podem servir de parâmetro na comparação de resultados futuros com a população brasileira.

Talvez fossem necessárias algumas entrevistas para elucidar questões mais específicas da relação indireta entre atitude, crença e a prática efetivamente. O projeto inicial era composto de uma segunda etapa, de caráter qualitativo, justamente com intuito de explorar singularidades do processo de socialização racial entre pais e crianças (processos proximais).

Para estudos futuros sugere-se o uso de ferramentas sensíveis ao repertório não verbal da socialização, a percepção da própria criança sobre sua raça/etnia, a interação da criança em outros contextos de desenvolvimento e maior número amostral.

## Capítulo 7 – Considerações Finais

Os trabalhos que se propõem a estudar o desenvolvimento de crianças negras apontam que uma identidade étnico-racial positiva proporciona à criança fatores de proteção importante no enfrentamento da discriminação e do preconceito que ela vivencia e/ou vivenciará nos estágios seguintes do desenvolvimento humano, dada a constituição social estruturada no racismo (Grills, Cooke, Douglas, Subica, Villanueva e Hudson, 2016). A importância dada para a socialização racial, proporcionada e mediada pelos pais de crianças negras, comprovada cientificamente como eficaz (Anderson, McKenny, Mitchell, Koku e Stevenson, 2018; Wang e Smith, 2020), nutre a esperança de que mudanças efetivas ocorram na estrutura da sociedade no que diz respeito à disparidade de acesso a espaços e direitos. Este estudo contribui para reforçar o coro de cientistas que propõem este caminho como satisfatório e endossar a importância também no contexto brasileiro, servindo de farol para pesquisadores realizarem novos trabalhos, familiares preocupados com o bem-estar de seus filhos e profissionais atuantes na área da infância.

Para trabalhos futuros reforçamos a importância do uso de lentes teóricas que tenham uma visão contextualista do desenvolvimento humano, como é o caso da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Reforçamos a necessidade de se utilizar de métodos de coleta de dados que permitam o acolhimento da percepção direta da criança, por meio de relatos verbais e da observação de comportamentos não verbais, com filhos adotivos de diferentes idades. Estudar as interações em outros contextos, como o escolar, onde importantes processos proximais acontecem e influenciam diretamente no desenvolvimento global da pessoa, pode contribuir também para a descoberta de novas nuances do processo de socialização racial e do papel dos pais e dos professores neste processo.

Em sua maioria, como apontaram alguns estudos acessados durante a construção deste trabalho (Cooper, Smalls-Glover, Metzger e Griffin, 2015; Ferreira e Camargo, 2001;

Guareschi, Oliveira, Gianechinni, Comunello, Pacheco e Nardini, 2002; Lima e Vala, 2004), existe no senso comum esquemas sociais preconceituosos que fazem a associação direta entre negritude e aspectos morais, cognitivos e culturais inferiores. Por conseguinte, se autodeclarar negro seria assumir para si todo este encargo social e emocional. No entanto não existe comprovação científica que justifique esta associação, senão o esforço deliberado de manutenção do status quo, onde a hierarquização e a segregação de grupos étnicos são diariamente materializadas em desrespeito, violência e mortes.

Cabe a todos, sem distinção, a luta para modificação da disparidade de acesso a direitos, desconstrução do jogo político, econômico e cultural construído e mantido sobre corpos negros. Este trabalho se debruçou sobre os processos proximais, aqui pesquisados por meio das práticas de socialização racial, mas entende e reforça a importância do constante trabalho de ressignificação das relações em todos os contextos de desenvolvimento humano proposto pela Teoria Biológica de Desenvolvimento Humano.

Ainda hoje o processo de identificação com a negritude está associado diretamente com o sofrimento vivenciado pelo racismo. Urge, na atualidade, a necessidade de garantir para as crianças negras que a história de seu grupo étnico seja narrada pela perspectiva ativa de sua ancestralidade, não um povo que aceitou ser escravizado, mas sim um grupo que ativamente se posicionou contra as incontáveis estratégias de dominação cultural, política, econômica e social. Apresentar à criança uma perspectiva distinta da submissão que lhe é contada, evitando o que Fanon (2008) afirmou ser um comportamento comum na pessoa negra: rejeição da negritude, ou seja, a rejeição de si.

Lançando mão de uma metáfora, o tecido social seria composto a partir da junção de linhas que são em sua formação racistas. Desta forma, qualquer produto gerado com este tecido será por consequência racista. Ter consciência desse modelo estrutural em nossa sociedade convoca para o trabalho sistêmico, diário e incessante de desconstrução individual e

coletiva. Ainda com a preocupação no desenvolvimento infantil é fundamental fornecer senso de orgulho de sua identidade étnico-racial, seja ela negra ou branca, mas também a consciência dos privilégios ou riscos trazidos no contato social pela cor de sua pele ou de seus olhos, a textura de seus cabelos, o tamanho de seu nariz ou de seus lábios. A busca pela igualdade, que tanto se discursa na atualidade, passa primeiramente pela redução da disparidade de acessos.

Além deste trabalho, até a presente data como produto desta pesquisa foi realizada apresentação de resultados preliminares no XII Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento (XII CBPD) e I Conferência Internacional sobre Psicologia do Desenvolvimento em forma de banner e posterior publicação do resumo nos anais do evento com o título “Atitudes negativas, crenças e práticas de pais adotivos sobre negritude e interesse da criança negra adotada sobre racismo: Um estudo exploratório.” Duas aulas para graduação na Universidade Federal do Espírito Santo como convidado, sendo uma no curso de Terapia Ocupacional sobre aplicação da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano em pesquisas e uma no curso de Comunicação Social sobre negritude e desenvolvimento infantil. Em ambas foram apresentadas a comunidade resultados preliminares do estudo.

Visando o importante trabalho de popularização do conhecimento na aproximação da universidade com a comunidade, foi realizado encontro de 3 horas no grupo de apoio à adoção Ciranda no município de Vitória/ES debatendo especificamente o tema da adoção de crianças negras e o importante papel da socialização racial para o desenvolvimento de uma identidade étnico-racial positiva. Especificamente para este público, posteriormente foi construído e disponibilizado um pequeno manual com indicações de livros, filmes, seriados, documentários e canais de divulgação que podem auxiliar os familiares a debater o tema com seus filhos e filhas (APÊNDICE B).

Ainda visando a divulgação do debate acerca do tema, foi realizada uma transmissão ao vivo com apresentação de dados em rede social de ampla capilaridade e aberta ao público em geral para discutir adoção, negritude e infância a partir de uma leitura bioecológica do desenvolvimento. Este tema, com a devida apresentação dos resultados deste estudo, foi abordado em forma de minicurso intitulado “*Identidade étnico-racial: negritude e branquitude na infância,*” no I Congresso Capixaba de Desenvolvimento Infantil, realizado pelo Instituto Neurodesenvolver, nos dias 4, 5 e 6 de setembro de 2020.

Estes resultados reforçam a importância da socialização racial para o desenvolvimento étnico-racial positivo de crianças negras. Com isso, o investimento dos familiares, pesquisadores e profissionais que atuam diretamente com crianças na socialização racial, se mostra como estratégia eficaz e necessária.

## Referências

- Allport, G. W. (1979). *The nature of prejudice*. New York: Basic Books.
- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Alvarenga, L. L. D., & Bittencourt, M. I. G. D. F. (2013). A delicada construção de um vínculo de filiação: o papel do psicólogo em processos de adoção. *Pensando famílias*, 17(1), 41-53.
- Anderson, R. E., McKenny, M., Mitchell, A., Koku, L., & Stevenson, H. C. (2018). EMBRacing racial stress and trauma: Preliminary feasibility and coping responses of a racial socialization intervention. *Journal of Black Psychology*, 44(1), 25-46.
- Bento, M.A.S. (2017). Branqueamento e branquitude no Brasil. In Carone, I., & Bento, M. A. S. (2017). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Editora Vozes Limitada.
- Berbery, M., & O'Brien, K. (2011). Predictors of White adoptive parents' cultural and racial socialization behaviors with their Asian adopted children. *Adoption Quarterly*, 14(4), 284-304.
- Brito, A. E. (2013). Lares negros olhares negros: Identidade e socialização em famílias negras e inter-raciais. *Serviço Social em Revista*, 15(2), 74-102.
- Brodzinsky, D. M., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Children and parenting* (pp. 279-311). Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Artmed Editora.
- Bussinger, R. V., Merçon-Vargas, E. A., Nascimento, D. B., & Rosa, E. M. (2018). What characteristics are accepted in the child by Brazilian adoption applicants? A latent class analysis. *Children and Youth Services Review*, 95, 125-133.

- Carone, I. (2017). Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In. Carone, I., & Bento, M. A. S. (2017). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Editora Vozes Limitada
- Cavalleiro, E. D. S., & Gomes, J. V. (1998). Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.
- Clark, K. B., & Clark, M. P. (1966). *Racial identification and preference in Negro children*. Bobbs-Merrill.
- Coakley, T. M., & Buehler, C. (2008). Cultural receptivity in fostering: A conceptual framework. *Journal of Public Child Welfare*, 2, 401-425.  
doi:10.1080/15548730802523174
- Coelho, W. D. N. B., & da Silva, C. A. F. (2015). Preconceito, discriminação e sociabilidades na escola. *Educere et Educare*, 10(20).
- Cooper, S. M., Smalls-Glover, C., Metzger, I., & Griffin, C. (2015). African American fathers' racial socialization patterns: Associations with racial identity beliefs and discrimination experiences. *Family Relations*, 64(2), 278-290.
- da Silva, M. P. D., & Branco, A. U. (2011). Negritude e infância: relações étnico-raciais em situação lúdica estruturada. *Psico*, 42(2), 197-205.
- de Oliveira Bortolatto, M., Loos, V. N., & da Silva Delvan, J. (2016). Grupos de estudo e apoio à adoção e o sucesso das adoções. *Barbarói*, (48), 205-233.
- de Jesus, R. E. (2018). Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. *Educação em Revista*, 34.
- dos Santos Nascimento, A., de Souza, G. F., da Silva, M., & de Oliveira, M. S. (2019). " Pretitude" e o Afroperspectivismo em Psicoterapia: Desafios para a Abordagem Gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(4), 927-946.

- Dos Santos, W. S., Gouveia, V. V., Navas, M. S., Pimentel, C. E., & Gusmão, E. E. (2006). Escala de racismo moderno: adaptação ao contexto brasileiro. *PsicolEstud*, 3, 637-645.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. SciELO-EDUFBA.
- Fazzi, R. C (2012). *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*. Autêntica.
- Ferrari, L., Hu, A. W., Rosnati, R., & Lee, R. M. (2017). Ethnic socialization and perceived discrimination on ethnic identity among transracial adoptees: A cross-cultural comparison between Italy and the United States. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 48(10), 1507-1521.
- Ferreira, R. F., & Camargo, A. C. (2001). A naturalização do preconceito na formação da identidade do afro-descendente. *ECCOS–Revista Científica*, 3(1), 75-92.
- Goldberg, A. E., & Smith, J. Z. (2016). Predictors of race, adoption, and sexual orientation related socialization of adoptive parents of young children. *Journal of Family Psychology*, 30(3), 397.
- Gonçalves, P. B. (2015). Crianças negras entre a assimilação e a negritude. *Revista Eletrônica de Educação*, 9(2), 161-188.
- Grills, C., Cooke, D., Douglas, J., Subica, A., Villanueva, S., & Hudson, B. (2016). Culture, racial socialization, and positive African American youth development. *Journal of Black Psychology*, 42(4), 343-373.
- Guareschi, N., Oliveira, F. P. D., Giannchini, L. G., Comunello, L. N., Pacheco, M. L., & Nardini, M. (2002). As relações raciais na construção das identidades. *Psicologia em estudo*, 7(2), 55-64.
- Guimarães, A. S. A. (2006). Depois da democracia racial. *Tempo social*, 18(2), 269-287.

- Hamilton, E., Samek, D. R., Keyes, M., McGue, M. K., & Iacono, W. G. (2015). Identity development in a transracial environment: Racial/ethnic minority adoptees in Minnesota. *Adoption quarterly*, *18*(3), 217-233.
- Hirschfeld, L. A. (1998). *Race in the making: Cognition, culture, and the child's construction of human kinds*. MIT Press.
- Johnston, K. E., Swim, J. K., Saltsman, B. M., Deater-Deckard, K., & Petrill, S. A. (2007). Mothers' racial, ethnic, and cultural socialization of transracially adopted Asian children. *Family Relations*, *56*, 390–402. Retrieved from <http://www.ncfr.org/fr>
- Costa, J. F. (1986). Violência e psicanálise. In *Violência e psicanálise* (pp. 189-189).
- Katz, P. A. (1982). Development of Children's Racial Awareness and Intergroup Attitudes.
- Kim, O. M., Reichwald, R., & Lee, R. (2012). Cultural socialization in families with adopted Korean adolescents: A mixed-method, multi-informant study. *Journal of Adolescent Research*, *28*, 69-95. doi: 10.1177/0743558411432636
- Kruger, H. (2011). Ideologias, sistemas de crenças e atitudes. In Camino, L., Torres, A. R. R., Lima, M. E. O., Pereira, M. E. (2011). *Psicologia social: teoria e temas*. TechnoPolitik.
- Lee, R. M., Grotevant, H. D., Hellerstedt, W. L., Gunnar, M. R., & The Minnesota International Adoption Project Team. (2006). Cultural socialization in families with internationally adopted children. *Journal of Family Psychology*, *20*, 571–580. doi: 10.1037/0893-3200.20.4.571
- Lee, J., Vonk, M. E., Crolley-Simic, J. (2015). Religion and cultural and racial socialization among international transracial adoptive parents. *journal of social distress and the homeless*, *24*(1), 40-57.
- Lee, J., Vonk, M. E., Han, J., & Jung, S. (2018). A path analysis of a cultural and racial socialization model in international transracial adoption: Racial awareness, self-

- efficacy, and socialization practices. *Children and Youth Services Review*, 85, 333-340.
- Le Mare, L., Audet, K. (2011). Communicative openness in adoption, knowledge of culture of origin, and adoption identity in adolescents adopted from Romania. *Adoption Quarterly*, 14, 199-217. doi: 10.1080/10926755.2011.608031
- Lima, M. E. O., Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 401-411.
- Massatti, R. R., Vonk, M. E., Gregoire, T. K. (2004). Reliability and validity of the transracial adoption parenting scale. *Research on Social Work Practice*, 14(1), 43-50.
- Mohanty, J. (2010). Development of the ethnic and racial socialization of transracial adoptee scale. *Research on Social Work Practice*, 20(6), 600-610.
- Mohanty, J., Newhill, C. (2006). Adjustment of international adoptees: Implications for practice and a future research agenda. *Children and Youth Services Review*, 28, 384-395. doi:10.1016/j.childyouth.2005.04.013
- Moreira, A. (2019). *Racismo recreativo*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Motta, F., & Paula, C. D. (2019). Questões Raciais para Crianças: resistência e denúncia do não dito. *Educação & Realidade*, 44(2).
- Neville, H. A., Lilly, R. A., Duran, G., Lee, R. M., & Browne, V.(2000). Construction and initial validation of the Color-Blind Racial Attitudes Scale (CoBRAS). *Journal of Counseling Psychology*, 47, 59 –70.
- Nogueira, O. (2007). Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo social*, 19(1), 287-308.

- Paulina, E., Ferreira, L., Bobato, S. T., & Becker, A. P. S. (2018). Processo de vinculação afetiva de crianças adotadas na perspectiva dos pais adotantes. *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*, 38(94), 77-86.
- Porter, J. D. R. (1973). *Black child, white child – The development of racial attitudes*. 2.ed., Massachusetts: Harvard University Press. In: Fazzi, R. C (2012). *O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito*. Autêntica.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?*. Letramento.
- Ribeiro, D. (2019). *Pequeno manual antirracista*. Companhia das Letras.
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2008). Preconceito, estereótipos e discriminação. Em: Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. *Psicologia Social* (p. 147-162). 26ª ed., Petrópolis: Vozes.
- Rosa, E. M., & Tudge, J. (2013). Urie Bronfenbrenner's theory of human development: Its evolution from ecology to bioecology. *Journal of Family Theory & Review*, 5(4), 243-258.
- Schucman, L. V. (2018). *Famílias Inter-raciais: tensões entre cor e amor*. SciELO EDUFBA.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal.
- Trinidad, C. T. (2011). Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil.
- Tudge, J., Rosa, E. M., & Payir, A. (2018). Bioecological model. *The SAGE Encyclopedia of Lifespan Human Development*, Thousand Oaks, 251- 252.
- Vittrup, B. (2018). Color blind or color conscious? White American mothers' approaches to racial socialization. *Journal of Family Issues*, 39(3), 668-692.
- Vonk, M. E., Lee, J., & Crolley-Simic, J. (2010). Cultural socialization practices in domestic and international transracial adoption. *Adoption Quarterly*, 13(3-4), 227-247.

- Wang, M. T., Smith, L. V., Miller-Cotto, D., & Huguley, J. P. (2020). Parental ethnic-racial socialization and children of color's academic success: A meta-analytic review. *Child development, 91*(3), e528-e544.
- Yoon, D. P. (2004). Intercountry adoption: The importance of ethnic socialization and subjective well-being for Korean-born adopted children. *Journal of Ethnic and Cultural Diversity in Social Work, 13*, 71–89. doi:10.1300/J051v13n02\_04

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Formulário de entrevista online com familiares

#### **A quem esta pesquisa se destina?**

Mães ou pais adotivos de crianças negras (pretas, pardas, morenas, etc) com idade entre 03 e 17 anos que residem no Brasil.

#### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Senhores(as) Participantes,

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “Pelos caminhos da adoção: Socialização parental e adaptação na família sob um enfoque bioecológico” que objetiva identificar interações que influenciam positivamente a adaptação de crianças em suas famílias adotivas, através das perspectivas de seus principais cuidadores. Sua participação consistirá em participar de questionários online sobre interações familiares e desenvolvimento de seu/sua filho(a), o qual terá duração de cerca de 20 minutos.

Serão tomados todos os cuidados para garantir sigilo e confidencialidade dos dados. As informações obtidas através dos questionários serão analisadas para que se possa, no futuro, auxiliar na melhor forma de vivência de famílias adotivas e o desenvolvimento positivo de crianças adotivas. Os dados obtidos serão guardados no Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da UFES e destruídos após o período de cinco anos. Sua participação é voluntária, podendo ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. É possível que algumas questões relacionadas a experiências de vida possam desencadear sentimentos desagradáveis. Se isso ocorrer, você poderá realizar um intervalo ou a interrupção no preenchimento dos questionários. Caso seja necessário, você poderá requerer ser encaminhado(a) para algum serviço que ofereça atendimento psicológico. Não há nenhuma forma de compensação financeira decorrente da participação neste projeto, no entanto, caso haja alguma despesa para sua participação na pesquisa, você será ressarcido(a).

A sua colaboração é muito importante e poderá servir para os avanços no conhecimento sobre a adoção, além de ter potencial para promover um impacto social positivo nas famílias adotivas. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Prof.<sup>a</sup> Edinete Maria Rosa pertencente ao quadro de professores da UFES e a coleta de dados será realizada pelos pesquisadores Felipe Gomes Lemos (mestrando) e Elisa Avellar Merçon-Vargas (pós-doutoranda). Desde já agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos através dos telefones 4009-7645/ 4009-2505/ 99582-5151 e e-mailedinete@gmail.com. Em caso de eventual dano decorrente da pesquisa, você terá o direito de buscar indenização. Em caso de denúncias ou intercorrências durante a pesquisa, o Comitê de Ética poderá ser acionado pessoalmente ou pelo correio no endereço Ave. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, Sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória – ES, CEP 29.075-910, pelo telefone (27)3145-9820 ou pelo e-mail [cep.goiabeiras@gmail.com](mailto:cep.goiabeiras@gmail.com). Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFES.

<p>Autorização: Eu fui informado(a) dos objetivos e da justificativa desta pesquisa sobre as interações que influenciam positivamente a adaptação de crianças em suas famílias adotivas, de forma clara e detalhada. Recebi informações sobre cada procedimento, dos riscos previstos e benefícios esperados. Terei liberdade de retirar o consentimento de participação na pesquisa, em qualquer momento do processo. Ao clicar em aceite ao final deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os meus direitos legais serão garantidos e não renuncio a quaisquer direitos legais.</p>
<b>1. PERFIL DO PARTICIPANTE E DA FAMÍLIA</b>
1.1 Qual o seu vínculo com a criança?
( ) Mãe ( ) Pai ( ) Outro. Qual? _____
1.2 Reside em qual estado?
(Opções dos estados brasileiros para múltipla escolha)
1.3 Qual a sua idade?
_____
1.4 Escolaridade
( ) Fundamental incompleto ( ) Fundamental completo ( ) Ensino médio incompleto ( ) Ensino médio completo ( ) Superior incompleto ( ) Superior completo ( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado
1.5 Qual a sua cor/etnia?
( ) amarela ( ) branca ( ) parda ( ) preta ( ) indígena ( ) outra _____
1.6 Qual a sua orientação sexual?
( ) assexual ( ) bissexual ( ) heterossexual ( ) homossexual ( ) pansexual ( ) outra _____
1.7 Estado civil
( ) solteiro (a) ( ) casado (a) ( ) união estável ( ) separado(a)/divorciado(a) ( ) viúvo(a) ( ) outro. Qual? _____
1.7.1 Qual a escolaridade do seu parceiro/sua parceira?

<input type="checkbox"/> Fundamental incompleto <input type="checkbox"/> Fundamental completo <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto <input type="checkbox"/> Ensino médio completo <input type="checkbox"/> Superior incompleto <input type="checkbox"/> Superior completo <input type="checkbox"/> Especialização <input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> Doutorado
1.7.2 Qual a idade do seu parceiro/sua parceira?
_____
1.7.3 Qual a cor/etnia do/a seu parceiro/sua parceira?
<input type="checkbox"/> amarela <input type="checkbox"/> branca <input type="checkbox"/> parda <input type="checkbox"/> preta <input type="checkbox"/> indígena <input type="checkbox"/> outra _____
1.7.4 Qual a orientação sexual do/a seu/sua parceiro/a?
_____
1.8 Você tem alguma orientação religiosa?
<input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Qual? _____
1.9 Qual é a sua profissão atualmente?
_____
1.10 Renda Familiar:(soma total dos ganhos da família)
<input type="checkbox"/> de 1 à 3 salários mínimos [R\$998,00 a R\$2.994,00] <input type="checkbox"/> de 3 à 6 salários mínimos [R\$2.994,00 a R\$5.988,00] <input type="checkbox"/> de 6 à 9 salários mínimos [R\$5.988,00 a R\$8.982,00] <input type="checkbox"/> de 9 à 12 salários mínimos [R\$8.982,00 a R\$11.976,00] <input type="checkbox"/> de 12 à 15 salários mínimos [R\$11.976,00 a R\$14.970,00] <input type="checkbox"/> mais do que 15 salários mínimos [mais de R\$14.970,00]
1.11 Quantas pessoas moram na mesma casa que você? (Se considere na contagem)
<input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 8 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/> 10 <input type="checkbox"/> mais de 10
1.12 Você tem filhos biológicos?

( ) Não ( ) Sim. Quantos? _____
1.13 Você se submeteu a algum tratamento para ter filhos biológicos?
( ) Não ( ) Sim
1.14 Qual o gênero do seu/sua filho(a) adotivo(a)?
( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outro _____
1.15 Como você classifica a cor/etnia do seu/sua filho(a) adotivo(a)?
( ) amarela ( ) branca ( ) parda ( ) preta ( ) indígena ( ) outra _____
1.16 Qual a idade do(a) seu/sua filho(a) adotivo(a)?
( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ( ) 11 ( ) 12 ( ) 13 ( ) 14 ( ) 15 ( ) 16 ( ) 17
1.17 Com que idade estava seu/sua filho(a) na época da adoção?
( ) menos de 1 ano ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) 7 ( ) 8 ( ) 9 ( ) 10 ( ) 11 ( ) 12 ( ) 13 ( ) 14 ( ) 15 ( ) 16 ( ) 17
1.18 Quanto tempo tem que ele(a) foi adotado(a)?
( ) de seis meses a 1 ano ( ) de 1 a 2 anos ( ) de 2 a 3 anos ( ) de 3 a 4 anos ( ) de 4 a 5 anos ( ) de 5 a 6 anos ( ) de 6 a 7 anos ( ) de 7 a 8 anos ( ) de 8 a 9 anos ( ) de 9 a 10 anos ( ) de 10 a 11 anos ( ) de 11 a 12 anos ( ) de 12 a 13 anos ( ) de 13 a 14 anos ( ) de 14 a 15 anos ( ) de 15 a 16 anos ( ) de 16 a 17 anos
<b>2. ATITUDES NEGATIVAS FRENTE A PESSOAS NEGRAS</b>
2.1 Racismo pode ser considerado um grande problema no Brasil*.
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____ Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
2.2 O racismo pode ter sido um problema no passado, mas não é mais hoje em dia.
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____

Discordo totalmente	Concordo totalmente
2.3 Casos de preconceito racial no Brasil são situações raras e isoladas.	
1 _____	2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
Discordo totalmente	Concordo totalmente
2.4 As pessoas negras podem superar o preconceito sem apoio, assim como outros grupos étnico-raciais fizeram.	
1 _____	2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
Discordo totalmente	Concordo totalmente
2.5 É importante que as escolas ensinem sobre a história e as contribuições de grupos étnico-raciais minoritários*.	
1 _____	2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
Discordo totalmente	Concordo totalmente
2.6 As pessoas negras normalmente possuem mais habilidades em determinadas atividades como esporte, dança e trabalhos manuais.	
1 _____	2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
Discordo totalmente	Concordo totalmente
2.7 As pessoas negras em geral não precisam de ajuda nem de políticas afirmativas, o esforço pessoal é suficiente para vencer.	
1 _____	2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
Discordo totalmente	Concordo totalmente
2.8 As pessoas negras normalmente recebem mais atenção do que deveriam quanto as suas queixas.	
1 _____	2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
Discordo totalmente	Concordo totalmente
2.9 Hoje em dia existem pessoas negras demais em posição de destaque na mídia.	
1 _____	2 _____ 3 _____ 4 _____ 5 _____
Discordo totalmente	Concordo totalmente
2.10 As pessoas negras em geral estão em busca de mais privilégios do que outros grupos étnico-raciais.	

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
<i>Discordo totalmente</i>	<i>Concordo totalmente</i>
<i>2.11 As reivindicações das pessoas negras normalmente recebem menos atenção que as reivindicações de pessoas brancas</i>	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
<i>Discordo totalmente</i>	<i>Concordo totalmente</i>
<i>2.12 Eu acredito que lidar com preconceito ou racismo é o mesmo que lidar com outros problemas</i>	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
<i>Discordo totalmente</i>	<i>Concordo totalmente</i>
<b>3. CRENÇAS DOS PAIS QUANTO A SOCIALIZAÇÃO PARENTAL</b>	
<b>ERACISMO</b>	
3.1 Eu acredito que ter amigos negros pode ajudar meu filho/minha filha a enfrentar melhor o racismo e discriminação.	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
<i>Discordo totalmente</i>	<i>Concordo totalmente</i>
3.2 Eu acredito que ter uma identidade étnico-racial positiva ajudará meu filho/minha filha a lidar com racismo e discriminação no futuro.	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
<i>Discordo totalmente</i>	<i>Concordo totalmente</i>
3.3 Eu acredito que conversar com meu filho/ minha filha sobre problemas raciais gera tensões desnecessárias*.	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
<i>Discordo totalmente</i>	<i>Concordo totalmente</i>
3.4 Eu sei que o racismo existe, mas tem coisas mais importantes para discutir e ensinar ao meu filho/minha filha*.	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
<i>Discordo totalmente</i>	<i>Concordo totalmente</i>

3.5 Eu acredito que seja melhor ignorar determinados comentários sobre a cor/etnia do meu filho/minha filha*.	
1 _____	2 _____
3 _____	4 _____
5 _____	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
3.6 Eu acredito que seja importante conversar sobre preconceito apenas quando meu filho/minha filha indicar que a cor/etnia é um problema para ele/a*.	
1 _____	2 _____
3 _____	4 _____
5 _____	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
3.7 Eu acredito que para ser um bom pai/ uma boa mãe é preciso não prestar atenção às diferenças raciais entre meu filho/ minha filha e eu*.	
1 _____	2 _____
3 _____	4 _____
5 _____	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
3.8 Eu não acredito que as discussões sobre diferenças raciais com meu filho/minha filha podem causar danos a ele/ela.	
1 _____	2 _____
3 _____	4 _____
5 _____	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
3.9 Eu acredito que as diferenças étnico-raciais criem mais responsabilidades para os pais.	
1 _____	2 _____
3 _____	4 _____
5 _____	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
3.10 Eu acredito que pouco importa o que os outros pensam sobre a raça do meu filho/minha filha, desde que eu o/a ame*.	
1 _____	2 _____
3 _____	4 _____
5 _____	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
3.11 Eu acredito ser importante para o meu filho/minha filha desenvolver amizades com pessoas negras	
1 _____	2 _____
3 _____	4 _____
5 _____	

Discordo totalmente	Concordo totalmente
3.12 <i>Eu acredito que é importante buscar apoio de outros para ajudar meu filho/minha filha a entender sobre racismo e discriminação</i>	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
3.13 <i>Eu acredito que as crianças pequenas não notam diferenças raciais, a menos que os adultos as apontem</i>	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
3.14 <i>Eu acredito que meu amor não é suficiente para proteger meu filho/minha filha dos efeitos do preconceito e da discriminação</i>	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
<b>4. PRÁTICAS PARENTAIS QUANTO A SOCIALIZAÇÃO E RACISMO</b>	
4.1 <i>Eu estou ensinando meu filho/minha filha como responder a insultos e comentários racistas.</i>	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
4.2 <i>Diferenças raciais não são normalmente discutidas na nossa família*.</i>	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
4.3 <i>A nossa família normalmente não enfatiza a cor/etnia do meu filho/minha filha*.</i>	
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5	
Discordo totalmente	Concordo totalmente
4.4 <i>Eu converso sobre racismo e discriminação apenas quando meu filho/minha filha menciona o assunto*.</i>	

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
4.5 Eu estou preparado/a para discutir racismo e discriminação com meu filho/minha filha.
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
4.6 Eu normalmente corrijo falas racistas de estranhos na frente do meu filho/ minha filha quando surge o assunto.
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
4.7 Eu normalmente converso com meu filho/minha filha sobre racismo.
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
4.8 Meu filho/minha filha possui livros e brinquedos com personagens negros.
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
4.9 Eu ensino ao meu filho/minha filha estratégias para reconhecer e responder ao racismo.
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
4.10 Independente da minha cor/etnia, eu me mantenho atualizado/a sobre o preconceito e a discriminação contra pessoas negras.
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
4.11 Eu ensino ao meu filho/minha filha como responder quando alguém tem falas preconceituosas diretamente com ele/a.

1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
<b>4.12 Eu converso com meu filho/minha filha sobre pessoas famosas ou heróis negros.</b>
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
<b>4.13 Eu ajudo meu filho/minha filha a lidar com os sentimentos dele/a sobre preconceito e discriminação.</b>
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
<b>4.14 Eu estimulo meu filho/minha filha a apreciar eventos e produções artísticas, como filmes, músicas e danças, feitas por pessoas negras.</b>
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
<b>4.15 Sempre que possível, eu levo meu filho/ minha filha a médicos, dentistas (ou outros profissionais) negros.</b>
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
Discordo totalmente <span style="float: right;">Concordo totalmente</span>
<b>4.16 Eu normalmente ajudo meu filho/minha filha a sentir orgulho de ser negro/a</b>
1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5
<i>Discordo totalmente</i> <span style="float: right;"><i>Concordo totalmente</i></span>
<b>5. INTERESSE E IDENTIFICAÇÃO DA CRIANÇA POR QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS</b>
<b>5.1 Com que frequência seu filho/sua filha te procura para contar que é motivo de brincadeiras por ser negro/a (por exemplo, ser chamado/a de nomes).</b>
<b>1 _____ 2 _____ 3 _____ 4 _____ 5</b>
Nunca <span style="margin-left: 100px;">Raramente</span> <span style="margin-left: 100px;">Às vezes</span> <span style="margin-left: 100px;">Frequentemente</span> <span style="margin-left: 100px;">Sempre</span>

5.2 Com que frequência seu filho/sua filha demonstra sentimentos negativos (frustração, tristeza, raiva) relação a ser negro/a?				
1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
5.3 Com que frequência seu filho/sua filha te procura para pedir conselhos com relação a questões étnico-raciais?				
1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
5.4 Com que frequência seu filho/sua filha questiona as diferenças/semelhanças entre sua origem étnico-raciais e a dele/a?				
1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
5.5 Com que frequência seu filho/sua filha te procura para conversar sobre sua cor da pele ou seu cabelo.				
1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
5.6 Meu filho/minha filha demonstra mais interesse por bonecas, brinquedos e personagens de pele clara do que negros/as.				
1	2	3	4	5
<i>Discordo totalmente</i>				<i>Concordo totalmente</i>
5.7 Com que frequência seu filho/sua filha demonstra interesse por artistas negros/as?				
1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre
5.8 Eu acredito que meu filho/minha filha tenha uma auto-imagem positiva com relação a ser negro/a.				
1	2	3	4	5

<i>Discordo totalmente</i>	<i>Concordo totalmente</i>
<i>5.9 Meu filho/minha filha normalmente reconhece situações de racismo vivido por outros.</i>	
<i>1</i> _____	<i>2</i> _____
<i>3</i> _____	<i>4</i> _____
<i>5</i>	
<i>Discordo totalmente</i>	<i>Concordo totalmente</i>

\*inversamente proporcional no cálculo estatístico

## APÊNDICE B – Indicação de materiais

### Indicação de Materiais

#### **CANAIS E PROGRAMAS (instagram, youtube e spotify)**

- AfroInfância
- Amarelo Prisma do Emicida
- Naty finanças
- PH Côrtes
- Apenas Ana – Ana Lídia Lopes
- Yuri Marçal
- Mãe Márcia de Obaluaê
- Pretaria
- Resenha das Pretas
- Yoni das pretas
- Pretativa
- Crespa Atitude
- Jovem Black – Moda para homens negros
- Cacau moda afro
- Pandora Box braids
- Pretaria Black books
- No front – empoderamento financeiro
- Editora mostarda
- Era uma vez o mundo
- Menzi Mcunu
- Garoto de cacho

- Nagoterapia
- Visto África
- Pais Pretos
- Jaciana Melquiades
- Roger Cipó
- Rodney William
- Conceição Evaristo
- Carla Akotirene
- Eu Márvila Araújo
- Preta e Acadêmica
- Saúde mental pop negra
- Potencias negras
- Elza Soares Oficial
- Empoderamento Black

## **FILMES**

- Pelo malo (Direção: Mariana Rondón, 2014)
- Felicidade por um fio (Direção: Haifaa AL-Mansour, 2018)
- “A câmera de João” (Direção: Tothi Cardoso, 2017)
- “Ana” (Direção: Vitória Felipe, 2017)
- Maré Capoeira (Direção: Paola Barreto, 2011)
- Green book – o guia (Direção: Peter Farrelly, 2019)
- Infiltrados no clã (Direção: Spike Lee, 2018)
- Estrelas além do tempo (Direção: Theodore Melfi, 2017)
- 12 anos de escravidão (Direção: Steve McQueen, 2014)

- Pantera Negra (Direção: Ryan Coogler, 2018)
- Os Panteras Negras: Vanguarda da Revolução (Direção: Stanley Nelson, 2015)
- Mãos talentosas (Direção: Thomas Carter-2009/EUA)
- Moonlight (Direção: Barry Jenkins, 2017)
- A hora do show (Direção: Spike Lee, 2000)
- Besouro (João Daniel Tikhomiroff – 2009)

## **DOCUMENTÁRIOS**

- Cores e botas (Direção: Juliana Vicente, 2010)
- Sem saída (Grupo de Pesquisa Homo Sacer, 2018)
- Menino 23: Infâncias Perdidas no Brasil (Direção: Belisario Franca - 2016)
- Abdias – Raça e Luta (Direção: Maria Maia - 2012)
- Dona Dalva – Uma Doutora do Samba (Direção: Lindiwe Aguiar – 2013)
- “Dudu e o lápis cor da pele (Direção: Miguel Rodrigues, 2018)
- “Disque Quilombola” (Direção: David Reeks, 2012)
- Parece comigo (Direção: Kelly Cristina Spinelli, 2016)
- What happened, Miss Simone? (Direção: Liz Garbus, 2015)
- Atlântico Negro – Na Rota dos Orixás (Direção: Renato Barbieri – 1998)
- Quanto Vale ou é por Quilo? (Direção: Sérgio Bianchi - 2005)

## **SÉRIES**

- “Cara gente branca” Autores: Justin Simien, Njeri Brown – Onde posso assistir?  
Netflix

- “This is us” Autores: Dan Fogelman, Kay Oyegun, Donald Todd, Aurin Squire – Onde posso assistir? Amazon prime
- “Self made” Produtores executivos: LeBron James, Maverick Carter, Janine Sherman Barrois, Kasi Lemmons – Onde posso assistir? Netflix
- “Afronta” Produzido por Juliana Vicente: Onde posso assistir? Canal Futura, youtube e tvpreta.com.br
- Pose**Autores:** Ryan Murphy, Janet Mock, Our Lady J, Steven Canals, Brad Falchuk. Onde posso assistir? Netflix

## LIVROS INFANTIS

- Coleção Black Power da editora mostarda
- O mundo no Black Power de Tayó – Kiusam de Oliveira
- O Black Power de Akin - Kiusam de Oliveira
- Minha mãe é negra sim – Patricia Santana
- Cada um com seu jeito, cada jeito é de um – Lucimar Rosa Dias
- Amoras – Emicida
- Meu crespo é de rainha – bell hooks
- Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis – Jarid Arraes
- As tranças de Bintou – Sylviane A. Diouf
- O menino Nito – Sonia Rosa
- Betina – Nilma Lino Gomes
- Anansi: o velho sábio – Kaleki
- Sulwe – Lupita Nyong’o
- A cor de Coraline – Rocco

## **LIVROS TÉCNICOS**

- Peles negras, máscaras brancas – Franz Fanon
- Ensinando a transgredir – bell hooks
- Pequeno Manual antirracista – Djamila Ribeiro
- Tornar-se negro – Neusa Santos Sousa
- O drama racial da criança brasileira – Rita de Cássia Fazzi
- Coleção feminismo plural da Djamila Ribeiro traz vários livros escritos por autores e autoras negras sobre diversos temas como: racismo estrutural, racismo reativo, interseccionalidade, entre outros.

## **PRESTIGIE O TRABALHO DE ARTISTAS NEGROS**

- MC Sofia - cantora
- Elis Catanhede - cantora
- Iza – cantora
- Spike Lee – diretor de cinema
- MC Linn da Quebrada – cantora
- Karol conká – cantora
- Nina Simone – cantora
- Carolina Maria de Jesus – escritora
- Elisa Lucinda – poetisa
- Carolina Monteiro – youtuber
- Cida Santana – cantora
- Maira Ranzeiro – sportista
- Conceição Evaristo – escritora